



# A LA HONRA

NOVEMBRO

1969

POR QUE  
GENEALOGIA ?  
página 6



## Mensagem de Inspiração

Presidente Hugh B. Brown

**D**esejo dizer-vos, irmãos, que em meio a todos os distúrbios, incertezas, tumulto e cáos que atingem o mundo e quase que ignorado pela maior parte do povo, foi estabelecido um reino, um reino presidido por Deus o Pai, e cujo rei é Jesus Cristo. Esse reino está avançando, como já disse, parcialmente ignorado, mas com tal poder e força que desbaratará o inimigo ainda enquanto alguns de vós estiverem vivos.

Quereis estar entre os que se alinham ao lado de Cristo e seus apóstolos? Desejais estar entre os que se colocam ao lado de Joseph Smith, Brigham Young e demais líderes, incluindo o presidente David O. McKay?

Agora é a hora de tomar a resolução e de preparar-vos para que possais estar em condições de cumprir a vontade de Deus, manter o auto-contrôle, e de controlar vossas paixões, apetites e tôdas as coisas que conduzem aos caminhos proibidos.

### Neste Número

Mensagem de Inspiração. Pres. Hugh B. Brown	2
O Grande Propósito da Mortalidade. Pres. David O. McKay	3
Conferência Mundial Sobre Registros. Douglas D. Palmer	5
Por Que Genealogia? Theodore M. Burton	6
Relatos dos Fiéis. Jay M. Todd	9
Escalando a Montanha. Reed H. Bradford	14
Somos Todos Professores Substitutos. Nan Osmond Grass	17
Página das Crianças.	18
Coloquem o Pai de Volta à Cabeça da Família. Pres. Stephen L. Richards	24
"... Isso é tudo o que tens." Richard L. Evans	23
Dedicação da Juventude ao Salvador. W. Dean Belnap	28
A Montanha Chamada Coragem. Wayne Lynn	29
A Última Tentativa. Charles Furden	30
Sobre o Tornar-se Qualificado. Richard L. Evans	32

### Capa

A genealogia é um assunto que não necessita ser minuciosamente explicado a nenhum santo dos últimos dias. Durante os últimos 130 anos centenas de milhares de membros da Igreja têm-se dedicado à sagrada missão de realizar as ordenanças do Sacerdócio em favor de seus antepassados. Para auxiliá-los nessa missão, a Igreja reuniu provavelmente a mais impressionante coleção de registros genealógicos do mundo, provenientes de toda a parte e desenvolve um programa, talvez o mais amplo e intensivo, de coleta de dados adicionais.

A capa mostra uma montagem fotográfica documentando as atividades genealógicas da Igreja.

Vol. 22 - Novembro de 1969 - Núm. 11

# A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro

R. São Tomé, 520 — V. Olímpia

CP 19079, São Paulo, SP

Tel. 80-9675

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro, 215, CP 862

São Paulo, SP — Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul

R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 1513

Pôrto Alegre, RGS

Tel. 24-9748

Missão Brasileira do Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

Rio de Janeiro, GB

Tel. 225-1839

Missão de Construção

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP

Tel. 33-6761

A LIAHONA — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguesa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 6,00; para o Exterior simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr\$ 0,60; exemplar atrasado: NCr\$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.



# O Grande Propósito da Mortalidade

Presidente  
David O. McKay

**E**u vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (João 10:10)  
Esta é a maior promessa jamais feita ao homem e somente Deus poderia fazê-la, pois somente êle nos pode conceder a vida. Eu creio na eficácia dessa promessa. Amo minha Igreja porque ela é um meio, um agente nas mãos de Cristo para oferecer essa vida abundante.

Fico a pensar por que o mundo não vê que o sucesso, a felicidade e a paz da humanidade dependem da declaração contida no seguinte versículo de Paulo:

“Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e a paz.” (Romanos 8:6)

Despertar a espiritualidade nos corações dos homens tem sido o propósito do Senhor desde que êle declarou: “No suor do teu rosto comerás o teu pão...” (Gênesis 3:19) Por tôdas as eras o homem tem tido a liberdade de escolha entre tomar como meta de sua vida, a espiritualidade ou a sensualidade. O homem geralmente centraliza seus pensamentos ou ações em uma das duas coisas. A maior necessidade neste mundo de hoje é o despertar espiritual e nisto está implícito que a espiritualidade deve ser o pensamento predominante de nossas mentes.

Sômente através do despertar espiritual é que o homem foi capaz de progredir lenta, continuamente a partir do édito divino que o expulsou do Jardim do Éden. A única coisa que coloca o homem acima do animal irracional é possuir dons espirituais. O intelecto superior sem as virtudes espirituais apenas tende a tornar o homem mais bestial.

A existência terrena do homem não é mais que um teste quanto à sua disposição de concentrar seus esforços, sua mente e sua alma nas coisas que contribuem para o conforto e satisfação de seus instintos e paixões físicas, ou se escolherá como fim e propósito de sua vida, a obtenção de qualidades espirituais.

Peço-vos imaginar em que condições não se encontraria o homem, se Deus não tivesse providenciado um Salvador. Imaginai apenas que o homem tivesse sido colocado aqui sem qualquer recordação da sua vida pré-mortal. Se o Senhor não lhe tivesse revelado o plano, não faço idéia do que teria acontecido. A preservação da vida e a perpetuação da sua espécie seriam sua única meta; na verdade, nada haveria por que valesse a pena viver. Quando sentisse sede, a água a mitigaria; quando tivesse fome, os frutos do campo o satisfariam. Sentiria o calor do sol durante o dia; fôlhas e juncos lhe proporcionariam uma cama confortável para a noite. As peles de animais serviriam para aquecê-lo. Se outro homem tentasse roubar-lhe algo, ou procurasse tirar-lhe um suculento pedaço de caça ou uma fruta saborosa, a luta seria o resultado. A satisfação de seus apetites e paixões seria seu único alvo; assim, como bem o declara o Livro de Mórmon, os homens tornaram-se “carnais, sensuais e diabólicos por natureza.” (Alma 42:10)

Prevendo isto, o Senhor se revelou ao homem e lhe fêz saber o plano do Evangelho. Para ajudá-lo a elevar-se acima da terra e das coisas terrenas, e evitar que seu coração se apegasse demasiadamente a elas, o Senhor sugeriu, ou antes, ordenou que o homem tomasse dos “primogênitos dos rebanhos” (Deuterônimo 12:6) para oferecê-los em sacrifício a Deus. Já refletistes sôbre isto? A melhor parte, que ordinariamente seria sua, deveria ser oferecida a um poder superior — o primeiro passo para o aperfeiçoamento espiritual. Quando o homem assim se sacrifica, sobrepujando seu apetite físico e reverenciando um ente mais sublime do que êle próprio, aproxima-se de seu Criador; houve um despertar espiritual.

Há poucos anos, éramos propensos a pensar que desde o início da sua história o homem havia feito grandes progressos. Ao observarmos as condições existen-

tes no mundo atual, convencemo-nos de que tal progresso não atinge à milésima parte do que deveria ser. Egoísmo, inveja, ódio, conquistas e morticínio campeiam por todo o chamado mundo civilizado; o amor, a paz e a alegria estão sendo banidos do coração, do lar e da vida dos homens. Com tôda essa civilização da qual nos jactamos, nunca antes houve uma época em que fôssem tão necessários o despertar espiritual e os ideais espirituais.

A civilização tornou-se por demais complexa para poder ser visualizada ou controlada pela mente humana. A não ser que o homem reconheça logo que é preciso desenvolver as qualidades mais sublimes e não as inferiores, o atual estado da civilização corre perigo.

O homem precisa voltar-se para a espiritualidade e seguir o caminho espiritual que leva a Cristo. O indivíduo vive em função de algo mais sublime do que êle próprio. Pode ouvir a voz do Salvador dizendo: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida.” (João 14:6) Obedecendo a esta voz, logo descobre que não existe uma coisa mais sublime que possa fazer para obter felicidade ou a vida eterna. Aprende que a vida não é feita de grandes sacrifícios ou deveres, mas de coisas pequenas em que o sorriso, a bondade e obrigações modestas oferecidas habitualmente são o que seduzem e retêm os corações, e asseguram o bem-estar.

A Igreja faz um apêlo a todos os homens para que busquem uma vida mais elevada, espiritual e intelectualmente, e incita-os a uma diligência maior na procura da vida abundante. De um modo geral, a tendência dominante no homem é pensar no ganha-pão. Tentam escolher o caminho que lhes proporcionará melhores condições de vida, ajudando-os a criarem suas famílias confortavelmente.

Entretanto, ganhar a vida não deve ser um fim, mas um meio. Ganhar a vida é tão sômente conservar em funcionamento a máquina destinada a nos manter durante a longa jornada na terra. Ganhar a vida é uma necessidade, mas edificar uma vida é um dever, uma bênção eterna.

Certas pessoas procuram ganhar apenas o suficiente para sobreviver. Para elas a vida se torna uma coisa enfadonha; é apenas existência e não vida. Outros procuram ganhar para os divertimentos e é grande demais o número de nossos jovens que têm sômente êsse objetivo. Sua recompensa futura será a futilidade e a desilusão. Outros buscam a riqueza como único alvo; o egoísmo e uma visão cada vez mais limitada das belezas da vida serão grande parte de sua recompensa. Frequentemente suas esperanças acabam nas cinzas da sordidez e de desapontamento.

O verdadeiro propósito da vida é o aperfeiçoamento da humanidade através do esforço individual, sob a orientação da inspiração divina. A verdadeira vida é uma resposta ao que há de melhor em nós.

A medida que o homem caminha seguramente pelo caminho espiritual em direção da vida abundante, êle reconhece, ao menos em parte, que, por maravilhosa que seja, esta vida é “um tempo de preparação para o encontro com Deus.” (Alma 12:24) Quando êsse período terminar, tudo o que o homem poderá levar consigo é o registro do que fêz por seu Mestre e por seus irmãos, seus semelhantes.



# CONFERÊNCIA MUNDIAL SÔBRE REGISTROS

Douglas D. Palmer

**A** Sociedade Genealógica — uma verdadeira arca do Tesouro para o mundo... um farol para as nações que se debatem num mar de problemas relativos a registros genealógicos... um oásis de interesse genealógico, histórico.

No ano de seu septuagésimo quinto aniversário, esta organização que começou como uma simples biblioteca, alojada numa única sala, em novembro de 1894, e hoje é uma instituição de âmbito mundial, patrocinou a Conferência Mundial de Registros, realizada de 5 a 8 de agosto, em Salt Lake City.

Perto de 10.000 historiadores, genealogistas, bibliotecários, arquivistas e peritos em computadores e microfílmes participaram dessa conferência.

Compareceram depositários de anais e genealogistas profissionais e amadores dos Estados Unidos, Europa, América Central e do Sul, México, Canadá, sudeste asiático, ilhas do Pacífico e demais regiões do mundo. O tema da conferência foi: "A Proteção de Registros em um Mundo Incerto".

Qual o motivo dessa conferência? O que foi realizado e qual seu objetivo? Onde e como se pode proteger registros contra os danos causados pela idade e condições atmosféricas, pelo fogo e pela mão humana?

A necessidade de salvaguardar os documentos vitais, manuscritos, histórias e biografias originais, e outros "achados" genealógicos, há muito preocupam a humanidade.

Milhões de páginas de registros estão sendo atualmente arquivados com toda a segurança através do extenso programa de microfilmagem da Sociedade Genealógica.

Amplamente reconhecida como importante fonte de informações, a Sociedade já reuniu mais de 670.000 rolos de microfilme, representando o equivalente a três milhões de volumes de 300 páginas cada um. Acrescentando seis milhões de registros de grupos familiares completos, um arquivo de 36 milhões de fichas individuais e uma coleção de livros de 90.000 volumes em poder da Sociedade, podemos ter uma idéia da extensão do seu programa de coleta de registros. A Sociedade possui também 80 bibliotecas sucursais, atende cerca de 500 clientes diariamente e recebe cerca de 1.000 rolos de microfílmes de todo o mundo semanalmente.

"Queremos preservar intactos os registros," disse o élder Theodore M. Burton, vice-presidente e administrador geral da Sociedade.

"O único meio de alcançá-lo é ter pessoas interessadas em todo o mundo cuidando de seus próprios registros. É assim que posso preservá-los," acrescentou. O élder Burton, que está ligado à Sociedade desde 1964, é um membro do comitê executivo da conferência.

Élder Burton falou da necessidade da preservação dos registros: "Se conseguirmos reunir esses encarre-

gados de registros, talvez possamos chegar a algum tipo de acordo pelo qual os registros sejam preservados." A Sociedade dispõe de moderno processamento de registros e instalações para arquivamento no "Granite Mountain Records Vault" (instalações subterrâneas) uma escavação de 200 m de extensão numa encosta do "Little Cottonwood Canyon" a sudeste de Salt Lake City.

A Sociedade estava ansiosa por mostrar suas "mercadorias", pois esperava que quando o mundo tivesse noção do que se fizera, o programa tornar-se-ia contagiante e os depositários de registros de toda a parte se uniriam num esforço conjunto para microfilmar e preservar documentos de valor inestimável.

Mas a despeito de seus diversos projetos a Sociedade continua buscando incessantemente novas fontes de registros e outras informações vitais.

"Necessitamos de mais informações e um meio de conseguí-las é procurar falar com pessoas de outros países," prosseguiu o élder Burton. "Mas seria bem mais proveitoso que viessem aqui, para um estímulo recíproco e para que nossa gente os conhecesse e eles a nós."

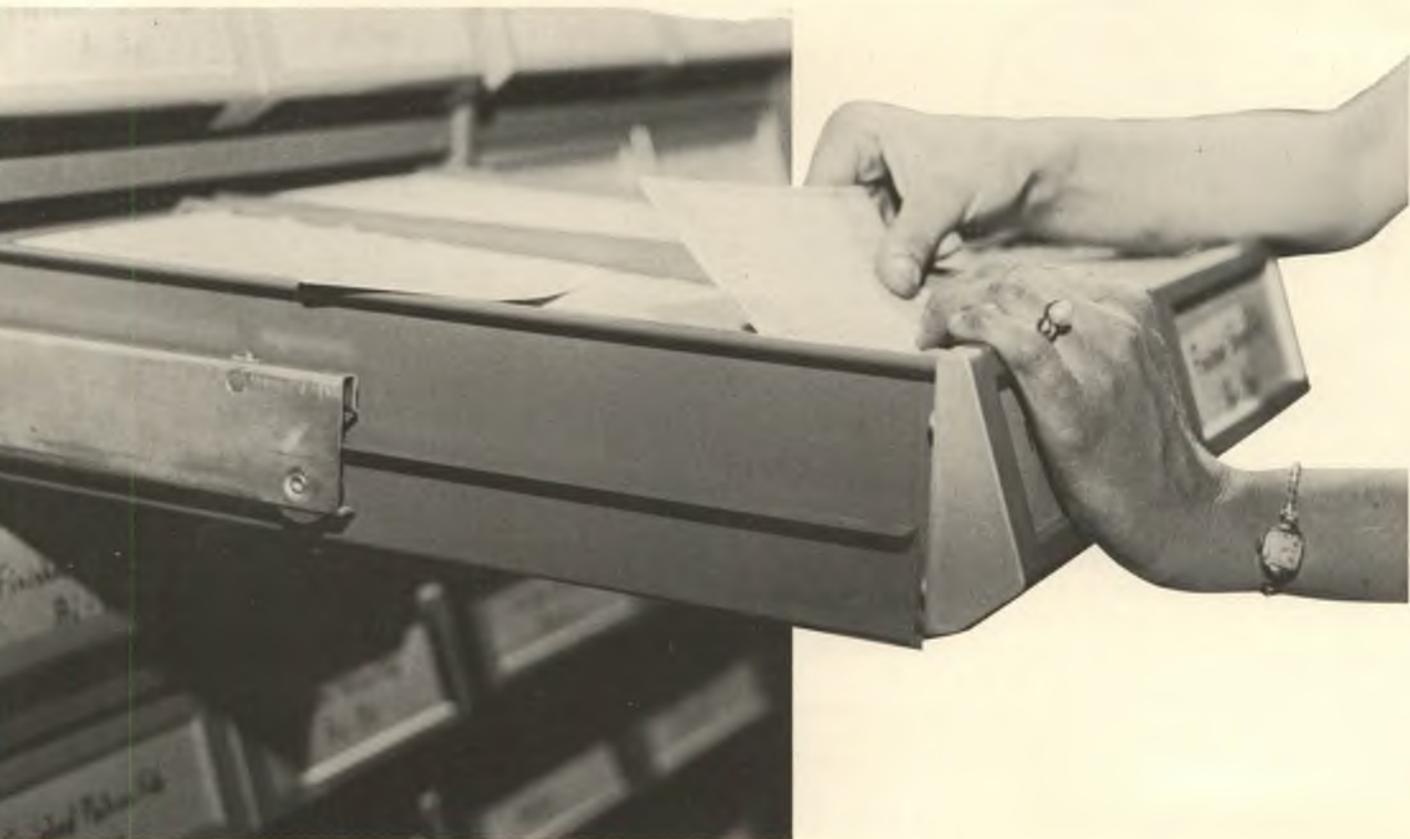
A Sociedade precisava saber exatamente quais os registros disponíveis, onde poderiam ser encontrados e como obtê-los.

"Quando, há quatro anos, mandamos uma primeira pessoa ao Japão, esta retornou dizendo que não existiam registros disponíveis. De lá para cá temos encontrado inúmeras fontes de informação. Quando esta pessoa foi ao Japão, o povo pensou tratar-se de apenas mais um "bisbilhoteiro", mas na segunda vez foi enviado alguém familiarizado com os costumes japoneses, capaz de evitar suspeitas e assim conseguimos obter as informações de que necessitávamos," relatou o élder Burton.

Cerca de 280 oradores, dos quais uns 100 possuem formação universitária, participaram da conferência. Alguns dos tópicos abordados darão um vislumbre dos interessantes e variados assuntos da conferência:

"Situação da Documentação e Arquivamento da Costa do Marfim", "Registros dos Tribunais da Suécia", "Nipo-Americanos: Origem, Passado e Presente," "A Coleta de Registros Judaicos Destinados a Israel", "Linhagens e Genealogias Polinésias do Pacífico Oriental", "Migrações dos 'Quakers' nos Estados Unidos", "Registros Militares e da Milícia Escocesa Antes de 1707," "Transmissão de Registros a Longa Distância pela Eletrônica", "Estudos Genealógicos na Iugoslávia e Hungria", "Registros dos Tribunais da Islândia," "Registros Eclesiásticos nos Estados Unidos" e "Desenvolvimento das Árvores Genealógicas dos Trabalhadores Ingêleses Antes de 1800".

(Concluí na p. 8)



Arquivo de "Fólias" de Grupo Familiar na Biblioteca.

# Por Que

## Theodore M. Burton

assistente do Conselho dos Doze  
e vice-presidente e gerente geral da  
Sociedade Genealógica.

**O**s membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias têm um profundo interesse por genealogia. Tal interesse não se fundamenta na genealogia em si, mas na universalidade do Evangelho de Jesus Cristo. A nosso ver, o Evangelho não é um conceito restrito, pertinente apenas à nossa época ou aos tempos do Nôvo Testamento, mas sim universal, conhecido pelos profetas antigos desde Adão até os dias atuais.

É preciso ficar entendido que o Evangelho nem sempre foi encontrado na terra em sua plenitude. As gerações humanas nem sempre se mostraram dispostas ou capazes de entender completamente o Evangelho. Contudo, Deus por sua infinita misericórdia e amor deu a seus filhos o tanto do Evangelho que conseguiam assimilar e aceitar. No Livro de Mórmon, o profeta Alma explicou tal conceito da seguinte forma:

"Porque, eis que o Senhor concede a tôdas as nações que lhes seja ensinada, a cada uma em sua própria língua, a sua palavra, sim, tudo o que êle em sabedoria acha que devem aprender; vemos, portanto, que o Senhor aconselha em sabedoria, segundo o que é justo e verdadeiro." (Alma 29:8)

Creemos que todos os povos, independentemente de sua raça ou língua, que vivem sobre a terra, são filhos de Deus. Embora o Senhor deseje elevar e exaltar todos os seus filhos, êle sabe, como todos os grandes mestres, que os homens não são iguais quanto à sua capacidade espiritual e intelectual. Enquanto alguns compreendem e aceitam a verdade imediatamente, outros só o fazem parcial e relutantemente. Contudo, Deus como Pai compassivo e amoroso, não considerará os de capacidade limitada tão responsáveis como os de possibilidade maior. Deus permite que os povos recebam a verdade na medida em que conseguem entender e aplicá-la em suas vidas.

Outro profeta do Livro de Mórmon o explica claramente:

"Portanto, os homens estão livres, de acôrdo com a carne; e tôdas as coisas que lhes são necessárias lhes são dadas. E estão livres para escolher a liberdade e a

o seu povo e as entranhas de sua misericórdia cobrem tôda a terra. Esta é a minha alegria e minha gratidão; sim, darei graças a meu Deus para sempre." (Alma 26:37)

Também Nefi expressou êsse conceito com as seguintes palavras:

"... pois êle (o Senhor) pratica o bem entre os filhos dos homens; e não faz nada que não seja claro para os filhos dos homens; e pede a todos que venham a êle e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou prêto, escravo ou livre, homens ou mulheres; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios." (2 Néfi 26:33)

Foi por êsse conceito sublime e universal que Jesus Cristo enviou seus discípulos pelo mundo afora para pregarem o Evangelho do amor universal.

"Ide portanto, fazei discípulos de tôdas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo;

"Ensinando-os a guardar tôdas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." (Mateus 28:19-20)

Como êsse Evangelho devia ser ensinado? Quais os métodos a serem aplicados? O Salvador explicou

# Genealogia?

vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens, ou para escolher o cativeiro e a morte, de acôrdo com o cativeiro e o poder do demônio; pois que êle procura tornar todos os homens tão miseráveis como êle próprio." (2 Néfi 2:27)

O Senhor considera tôda a carne como uma só, e aquêle que fôr justo é favorecido por Deus, enquanto que o iníquo não pode por êle ser aprovado.

Deus não demonstra favoritismo, mas ama a todos os seus filhos. Sômente o pecado e a iniquidade podem afetar êsse relacionamento celestial. Como mestre da retidão, Deus necessariamente recompensa os justos. Novamente os profetas do Livro de Mórmon falam corajosamente declarando êsse conceito, como por exemplo Amon:

"Agora, meus irmãos, vemos que Deus se lembra de todos os povos, estejam onde estiverem; êle conta

que deveria ser por intermédio de mensageiros especiais prestando testemunho individual dessas verdades: "E será pregado êste Evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a tôdas as nações. Então virá o fim." (Mateus 24:14) Por isso o julgamento reservado para o fim do mundo não poderá acontecer até que todos os filhos de Deus tenham tido a oportunidade de ouvir, entender e aceitar a verdade.

Não havia nenhum conceito restrito na mente dos apóstolos, nem na dos primitivos membros da Igreja de Jesus Cristo, que mesmo então eram conhecidos como santos. Jesus ensinou que a obra missionária não deveria destinar-se apenas aos vivos daquela época mas também aos mortos:

"Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz (a voz do Filho de Deus) e sairão;

“os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.” (João 5:28,29)

O apóstolo Pedro explicou isto mais detalhadamente numa carta de instrução dirigida aos santos da Igreja primitiva:

“Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais noutra tempo foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos através da água.” (significando o batismo) (I Pedro 3:18-20)

Pedro explicou a razão pela qual o Evangelho de Jesus Cristo tinha de ser pregado aos espíritos dos que haviam morrido: “Pois para êste fim foi o Evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus.” (I Pedro 4:6)

Que essa obra de salvação vicária pelos mortos foi realmente praticada pelos primitivos santos é provado pelas palavras do apóstolo Paulo, ao argumentar quanto à realidade da ressurreição, citando o costume dêles de se batizarem pelos seus antepassados falecidos. “Doutra maneira, que farão os que se batizam por causa dos mortos? Se absolutamente os mortos não resuscitam, por que se batizam por causa dêles?” (I Coríntios 15:29)

Um dos grandes profetas hebreus, Malaquias, ao profetizar sôbre o futuro, falou sôbre a grande mudança que se processaria no coração dos homens nos últimos dias. Falando em nome do Senhor sôbre o que iria acontecer, escreveu:

“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor;

“êle converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição.” (Malaquias 4:5-6)

Com a vinda de Elias no ano de 1836, o coração dos filhos começaram a se voltar para seus ancestrais, e as profecias dos patriarcas, que eram conhecidos como pais, principiaram a ser cumpridas em favor de seus filhos.

Quando o Evangelho, com tôdas as suas verdades e poder, foi novamente dado ao homem, missionários começaram a reunir o povo do Senhor. Fomos reunidos

em famílias e nossos corações foram tocados para que buscássemos nossos antepassados, a fim de poder identificá-los e realizar as sagradas ordenanças de acôrdo com o mandamento dado: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a tôda criatura.

“Quem crer e fôr batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.” (Marcos 16:15-16)

Cremos que os homens e mulheres no mundo espiritual, livres de doenças e enfermidades, e libertos da maior parte das tradições, superstições e dominação de líderes e mestres iníquos ou ignorantes, serão mais capazes de entender e aceitar as verdades que lhes são ensinadas do que o foram aqui. Então terão a liberdade de escolher, por si próprios, essas verdades pelas quais poderão ser salvos.

Por isso procuramos os registros de nossos mortos, usando os princípios da genealogia para identificar os indivíduos e reuni-los em famílias. Realizamos batismos vicários por nossos entes falecidos, a fim de que ninguém que aceite Jesus Cristo como o Senhor e Salvador do mundo, precise ser condenado.

Acalentamos a fé e a esperança de que quando os mensageiros forem ao mundo espiritual para ensinar a êsses espíritos as verdades do Evangelho, nossos antepassados aceitarão as ordenanças realizadas em favor dêles. Dessa forma não apenas poderão ser salvos, mas nossa própria herança será preservada na linhagem do Sacerdócio concedido a nossos primitivos pais.

Em nosso desejo de interligar tôdas as famílias da humanidade, formando um todo perfeito, nós, os santos dos últimos dias, obedecemos ao que o Senhor nos ordenou:

“Portanto, renunciad à guerra e proclamai a paz, e procurai diligentemente volver os corações dos filhos a seus pais, e os corações dos pais aos filhos;

E novamente, os corações dos judeus aos profetas, e dos profetas aos judeus; para que eu não venha e fira tôda a terra com uma maldição, e seja consumida tôda a carne diante de mim.” (D&C 98:16-17)

Êste, pois, é o caminho para a paz — convencer todos os homens de que somos irmãos e que através da fé em Jesus Cristo tôda a humanidade pode ser preservada através do verdadeiro Evangelho de amor e de fraternidade entre todos os povos da terra. Assim, preocupamo-nos com a genealogia porque consideramos todos os homens nossos irmãos.

Temos a firme e inabalável convicção de que êste é o caminho mais eficiente e proveitoso para encontrar a paz.

---

(Conclusão da p. 5)

Pelo menos 40 países estiveram representados na conferência por eminentes oradores e convidados, incluindo os seguintes: Genadi Alexandrovich, diretor geral dos Arquivos Russos de Moscou; Lorde Thomson of Fleet, da imprensa de Londres; Sir Lian Moncreiff de Edimburgo, Escócia; Duc de la Force de Paris, França; Barão Karl Friedrich von Frank, eminente genealogista austríaco; Guillermo Lohmann Villena, diretor do Ins-

tituto de Pesquisa Genealógica Peruano; Dr. Kenn Stryker-Rodda, presidente da Sociedade Americana dos Genealogistas; Dr. James B. Rhoads, “Arquivista Nacional” dos Estados Unidos; Hsiang-Lin Lo, da Universidade de Hong Kong; Dr. Cornelius Pama, da Sociedade Genealógica da África do Sul; Daniel J. Cohen, diretor da Sociedade Histórica de Israel, Jerusalém; Dr. Labib Habachi, egíptólogo do Cairo; e Timothee N’Guetta Ahoua, embaixador da Costa do Marfim nos Estados Unidos.

# Relatos dos FIÉIS

Jay M. Todd

**N**enhum relato da pesquisa genealógica dos santos dos últimos dias e sua conseqüente obra pelos mortos nos templos do Senhor, seria completo ou apresentaria a devida perspectiva, sem referência às inúmeras experiências espirituais vividas pelos que se dedicam a êsse trabalho.



De fato, é quase impossível discutir-se genealogia e sua meta final — a obra templária — com um santo dos últimos dias envolvido nesse trabalho, sem ouvir um testemunho pessoal acêrca de algum incidente ou incidentes considerados sagrados pelo narrador. Talvez não haja outra atividade em que os dons do Espírito se tornem mais manifestos do que nessa sagrada missão de realizar ordenanças salvadoras pelos já falecidos. Relatos de sonhos, visões, inspirações, orientação espiritual, recebimento de sugestão fora do comum e manifestação de aprovação de receptores, são coisa comum para os santos dos últimos dias preocupados com a genealogia.

As primitivas publicações da Igreja estão repletas dessas experiências espirituais relacionadas com as atividades genealógicas. Nos anos mais recentes, à medida que os sistemas de comunicação se tornaram instantâneos e de âmbito mundial, e a sociedade de um modo geral demonstra indiferença e mesmo hostilidade a relatos de experiências tidas como sobrenaturais, os membros da Igreja sensatamente sentem-se inclinados a restringir os relatos de suas experiências a reuniões de fiéis e ao círculo familiar. Mas devido ao sincero desejo de incentivar nova e maior atividade nessa obra, e como solene testemunho do concurso da mão de Deus nêsse importante trabalho, relatamos os seguintes fatos modernos e recentes. As experiências são típicas entre milhares de incidentes semelhantes vividos por pessoas que atualmente se empenham na obra pelos mortos. Por respeito ao direito de reserva pessoal e valor das experiências para as pessoas envolvidas, os casos são relatados sem menção de nomes.

Muitas experiências se prendem às dificuldades na obtenção de informações sôbre antepassados. Os seguintes relatos são típicos do que pode acontecer:

“Em 1953, em obediência a um pedido de minha sogra feito antes de falecer, procurei o escritório do Historiador da Igreja a fim de pesquisar os registros do ramo norueguês da família dela, para poder completar uma fôlha de grupo familiar. Por duas vêzes estive lá pesquisando os registros disponíveis sem conseguir completar a dita fôlha. Decidi tentar mais uma vez e perguntei à pessoa encarregada se não havia outro livro de registros do ramo de Oslo. Ela respondeu-me que já me mostrara tudo o que tinham. Pedi-lhe que tivesse a gentileza de dar mais uma olhada. Depois de procurar um pouco, ela retornou comentando que, por algum motivo, um livro de registros havia sido colocado fora do seu lugar mas fôra capaz de encontrá-lo. Fui para a outra sala e ao folhear os registros encontrei as informa-

ções sôbre as pessoas que faltavam. Quando comecei a copiar os dados senti tão poderosamente a presença delas ao meu redor que mal conseguia copiar. Não cheguei a vê-las, mas a sensação da presença delas foi indescrevível. Estou certa de que estavam demonstrando sua aprovação pelo que eu estava fazendo. Continuei a trabalhar nessa linhagem norueguesa, conseguindo encontrar centenas de nomes pelos quais já foi realizado o trabalho no templo.”

Familiarizados com a orientação dada pelo Espírito Santo, os santos dos últimos dias conhecem a fonte orientadora de experiências como esta:

“Certa manhã estava havia horas na Biblioteca Genealógica, pesquisando nos “Phillimore Marriage Indexes” (Registros Matrimoniais Phillimore) à procura do registro de casamento de um dos meus trisavós ingleses. Anteriormente já gastara muitas horas infrutíferas procurando essa informação. Cêrca de meio dia decidi ir ao Templo de Salt Lake examinar certos selamentos realizados entre pais e filhos e cujos registros não haviam sido microfilmados. Ao terminar, resolvi ir para casa, pois estava na hora de meus filhos voltarem da escola, mas quando apressava-me para pegar meu ônibus fui atingida por um pensamento compelidor: “Por que você não volta à biblioteca e procura mais uma vez o nome de George?” Procurei afastar êsse pensamento, argumentando que estava na hora de cuidar do jantar, e continuei em direção ao ponto do ônibus. Mas, estranhamente, sem que o notasse, meus passos me levavam de volta à biblioteca, e eu me perguntava por que o fazia, se estava convencida de que devia ir para casa. Ao chegar à biblioteca fui direto para a estante dos “Phillimore Marriage Indexes” e pegando um dos volumes passei apressadamente os olhos pelas fôlhas e ali, bem à vista, encontrei o registro do casamento do meu trisavô. O que havia sido um problema por muito tempo fôra pronta e miraculosamente resolvido.”

Também são numerosos os relatos como êste:

“O avô paterno de meu marido fôra um converso que imigrara da Inglaterra, e sendo um agricultor arrendatário mudara freqüentemente de domicílio. Numa pequena caderneta preta êle registrara os nomes e datas de nascimento de seus dez filhos e dos seus pais, dois irmãos e uma irmã. Não havia nenhuma anotação indicando se isto era a família completa.

Desejando que fôssem realizadas as ordenanças templárias, preparei uma fôlha de grupo familiar e a

submeti à Sociedade Genealógica, mas fui informada de que não seria aceita até que examinasse tôdas as fontes de informação disponíveis. Uma vez que na Inglaterra fôra promulgada uma lei exigindo o registro de nascimento de tôdas as crianças e que entrara em vigor em julho de 1837, presumia-se que eu poderia conseguir as certidões de idade e de falecimento dessa família junto ao "Somerset House of England". Anteriormente eu já pesquisara os registros paroquiais da Igreja Anglicana da localidade em que êle residira, e escrevera a parentes que sabíamos estarem vivos em 1941, mas sem resultado. Então escrevi ao "Somerset House", recebendo a informação de que a não ser que pudesse indicar o respectivo registro paroquial ou conhecesse a filiação religiosa, não lhes seria possível atender meu pedido. Nessa altura eu exaurira todos os indícios de que dispunha, pesquisando recenseamentos, registros municipais, enfim, tudo o que me ocorrera.

Na manhã de 15 de janeiro de 1956, depois que meu marido saiu para trabalhar e as crianças estavam na escola, espalhei todos os dados relativos ao assunto sobre a mesa da cozinha e então ajoelhei-me e orei de todo o coração: "Se esta obra é verdadeira e se desejas que eu conclua êste trabalho, preciso da tua ajuda. Nada mais posso fazer." Quando me ergui, vislumbrei claramente por um momento uma palavra impressa sobre um dos registros metodistas. Compreendi instantaneamente que na Igreja Metodista estava a chave do problema.

Ignorando o nome do ministro eclesiástico, caí novamente de joelhos, pedindo orientação para escrever uma carta que fôsse bem recebida. Remeti a carta ao superintendente das igrejas metodistas do local de nascimento dêsse antepassado. Logo recebi uma carta de um ministro metodista com os dados de uma mulher de nome Ellen e que era a bisavó de meu marido. A segunda carta provinha de um outro ministro informando que Ellen era sua mãe, e a pessoa que eu procurava, seu tio. No decorrer do próximo ano e meio êle nos prestou muitas informações. Sem a ajuda dêle não teríamos completado as fôlhas de grupo familiar pois apenas uns poucos nascimentos na família do avô de meu marido chegaram a ser registrados devido às mudanças freqüentes. Sem a orientação de alguém "além do véu" não teríamos alcançado nosso propósito."

Visitações de pessoas mortas não são coisa fora do comum. A seguinte experiência ã relatada por duas irmãs:

"Durante o mês de dezembro de 1968, minha irmã e eu empregamos bastante tempo tentando localizar elos ignorados da genealogia da nossa família. Saben-

do que minha ajuda seria pequena devido a más condições de saúde, orei pedindo orientação antes de dirigir-me aos arquivos da Sociedade Genealógica de Salt Lake City para procurar as informações de que necessitávamos. Também minha irmã orou. Encontramo-nos na biblioteca conforme o combinado e escolhemos uma mesa no lado sul do andar térreo.

Ao nos sentarmos, notamos uma senhora e dois homens sentados na mesa ao lado. A senhora voltara-se completamente ficando de costas para sua mesa, encarando-nos. Os homens nos olhavam por sobre a mesa, todos os três fitando-nos detidamente. Ficaram imóveis, apenas atentos a todos os nossos movimentos. Quando deixávamos a mesa para buscar registros, juntavam a cabeça e conversavam. Isto continuou durante a manhã inteira. Êsse interesse intenso fêz-me imaginar quem seriam. Passei a examinar a senhora, estudando suas feições, tentando recordar se já a conhecia. Ela retribuiu meus olhares com uma expressão de que eu lhe era familiar. Refleti que talvez ela fôsse se apresentar.

Ao meio dia íamos sair para o almoço quando essas pessoas se aproximaram mais, ficando de pé em vez de sentadas. A senhora me fitava tão intensamente que novamente senti-me impelida a falar-lhe, mas algo me impedia. Como estivéssemos apressadas, afastei essa impressão da minha mente."

A outra irmã prossegue:

"Depois do almoço tentamos localizar um livro histórico da família Shearer no fichário, mas em vão. Encontramos algumas obras sobre os Shearers americanos, mas nada que relacionasse nossos Shearers ingleses com os Shearers na Irlanda, com os quais nossa linhagem devia ter ligação, segundo nos informara um perito em genealogia. Ao examinar uma das obras históricas uma voz me disse: 'Existe uma história da família Shearer na biblioteca. Vá procurá-la.'

Dirigi-me imediatamente à estante de obras históricas familiares. Entretanto havia uma senhora sentada em frente da seção 'S'. Para não incomodar peguei alguns livros de que precisava na seção 'R'.

"Mais uma vez alguma coisa me induzia a retornar à estante. Quando me aproximava, a senhora, ainda sentada, indagou: 'A senhora procura alguma obra aqui, atrás de mim?' Respondi: 'Estou a procura de uma história da família Shearer.' Voltando-se um pouco, pegou sem hesitação um volume e me deu — um pequeno li-

vro sôbre os Shearers americanos. Nêle encontramos exatamente o que procurávamos — uma informação provando que alguns Shearers haviam sido levados à Irlanda por Cromwell. O livrinho continha uma porção de reproduções fotográficas, e examinamos algumas delas.

“A tardinha, decidimos ir para casa e voltar no dia seguinte para examinar a obra mais detalhadamente. Tomamos o elevador para o térreo e quase alcançáramos a porta de entrada quando nos ocorreu algo. Minha irmã exclamou: ‘Vou voltar para olhar novamente as fotografias daquele livro.’ Respondi sem hesitar: ‘Eu também’.

“Ao abrímos o livro encontramos uma fotografia de James Shearer e de uma pessoa que nos pareceu muito familiar — Harriet Brown, sua espôsa. Minha irmã disse: ‘Esta é a mulher que não parava de nos fitar esta manhã.’ Minha irmã e eu discordamos freqüentemente, mas neste caso estávamos de pleno acôrdo. Respondi instantâneamente: ‘Sem dúvida alguma’. Retornando no dia seguinte compreendemos que Harriet Brown tivera a missão de indicar-nos o livro.

“Posteriormente pudemos confirmar que nossa bisavó havia conhecido aquela família. É interessante que nenhuma de nós conseguia lembrar-se da aparência dos dois homens. Temos o testemunho fervoroso de que fomos abençoadas com essa experiência em resposta a nossas orações e empenho.”

Existem numerosos relatos de visitas em sonhos, como por exemplo, o relato do falecido presidente William E. Waters, da estaca de Brisbane (Austrália), acêrca de uma senhora dessa estaca cujo marido não era membro da Igreja. Algum tempo após a morte do marido, ela teve um sonho no qual viu o marido tentando passar por um portão a fim de entrar no jardim onde ela se encontrava. Ele disse-lhe: “Não consigo passar pelo portão. A fechadura está do seu lado e a chave se encontra na fechadura.” Profundamente impressionada, ela providenciou que fossem realizadas as ordenanças pelo marido.

Indícios de que o trabalho de ordenanças específicas no templo são do conhecimento dos que se encontram “além do véu” também não é coisa fora do comum. Um professor universitário e sua espôsa recentemente fizeram o selamento entre eles e uma criança adotada. “Enquanto o senhor estava selando a criança a nós,” declarou a espôsa ao presidente do templo, “minha mãe estava bem a seu lado durante tôda a cerimônia. Eu a vi tão claramente como o dia.”

Outro incidente recente (30 de abril de 1968) ocorreu a uma visitante do templo, que conta: “A irmã que eu estava representando na celebração das ordenanças informou-me que estava perturbada porque sua data de nascimento estava errada. Ela também corrigiu a pronúncia do nome dela.”

Entretanto, em nenhum outro aspecto a manifestação do Espírito se torna mais aparente do que na obtenção, pela Sociedade Genealógica, dos registros básicos que proporcionam os necessários dados genealógicos. Ela os tem conseguido de forma aparentemente estranha e curiosa. A seguir apresentamos diversos depoimentos de pessoas que trabalham na sua biblioteca:

“Tempos atrás, recebemos mais de 600 antigos endereços regionais da Inglaterra, cuidadosamente colecionados no decorrer de muitos anos por um eclesiástico inglês, há muito aposentado. Ele sentira-se impressionado pelo comportamento e conduta pessoal de certos soldados americanos estacionados perto de sua casa, e decidiu legar sua extensa coleção a uma biblioteca da América, escolhendo, após investigações, a Sociedade Genealógica em Salt Lake City.”

Outro incidente: “Ao retornar de sua missão, um jovem procurou a Sociedade com uma relação de material genealógico e histórico pertencente à viúva de um eminente médico de “Deer Island” (Ilha do Cervo) na Nova Inglaterra, cujo passatempo fôra colecionar registros locais de pessoas que viveram na “Upper Penobscot Bay” (Baía Superior de Penobscot). Após entrarmos em contato com esta viúva, tivemos oportunidade de examinar a coleção durante dois dias. Foi considerada a maior coleção particular dêsse tipo da Nova Inglaterra. Os registros haviam sido coletados no decorrer de mais de meio século de atendimento e visitas a pacientes de extensa região. Apresentamos-lhe nossa avaliação, pedindo que mandasse avaliar o material por outras organizações, além de fornecermos os nomes de tôdas as grandes bibliotecas americanas que pudessem estar interessadas em adquirí-lo. Ela procurou uma importante biblioteca do leste e estava a ponto de fechar negócio quando sentiu-se ‘irresistivelmente induzida a interromper as negociações e voltar para casa o mais rapidamente possível e chamar a Sociedade Genealógica.’ Mais tarde essa senhora tornou-se membro da Igreja e então contou: ‘Agora eu sei por que senti tão poderosamente que êsse material devia pertencer à Igreja.’”

Tais registros, contudo, possuem valor religioso apenas como fonte de informação sôbre nossos ante-

passados falecidos, que necessitam ordenanças salvadoras. Um incidente que reflete a santidade das pessoas empenhadas na obra templária, é contado por Selvoy J. Boyer, ex-presidente do templo de Londres:

"Quando fui chamado a presidir o templo de Londres, perguntei ao presidente McKay como conseguiria em Londres pessoas para trabalharem no templo, desde que eu somente conhecia um casal que servira nesse cargo. Respondeu-me: 'Faça uma lista de nomes e eu a examinarei.' No sábado, após a dedicação do templo, em setembro de 1958, o presidente McKay perguntou: 'Já fez sua lista de nomes?' Respondendo afirmativamente, tirei a lista do bolso, onde anotara o nome de 12 casais.

"Disse êle: 'Vamos lá, leia os nomes.' Note-se que êle nunca se encontrara com a maior parte dêles, nem mesmo para trocar um apêto de mãos. Comecei a ler 'Irmão e Irmã Fulano.' Respondeu: 'Aprovados.' Passei a outro casal, ao que comentou: 'Não servem.' Repassamos tôda a lista e consegui os seis casais de que necessitava para os trabalhos do templo. Passei a observar com interêsse os poucos casais que o Profeta não aprovara. Pois êle estava certo acêrca de todos êles; alguns chegaram mesmo a abandonar a Igreja."

O trabalho genealógico e templário freqüentemente é motivado por bênçãos patriarcais individuais que membros da Igreja receberam. Centenas de milhares de santos dos últimos dias têm sido orientados e sustentados pelas promessas e cumprimento de promessas que lhes são feitas nas bênçãos tais como: "Teu chamado reside em casa e fora de casa. Deverás pesquisar os anais antigos e os registros do passado te serão desvendados... êste é teu chamado especial e se fôres fiel, tão certo quanto vive o Senhor, serás bem sucedido..." "Tu fôste chamado do mundo para a luz do Evangelho para que possas executar os trabalhos necessários para livrar teus ancestrais do cativo... o Evangelho lhes foi pregado e agora seus espíritos procuram teu auxílio e exercerão poderosa influência em tua vida futura."

Motivados por tais comissões divinas, freqüentemente impelidos por um impulso inexplicável, e inspirados pelos que se encontram "além do véu", será de admirar que santos dos últimos dias por todo o mundo testifiquem acêrca de recuperação da saúde e mesmo prolongamento da própria vida para que possam completar a obra templária que lhes coube? Pelos mesmos motivos, milhares têm-se sacrificado a fim de completarem êsses trabalhos.

"Observar os sacrifícios feitos por membros da Igreja para poderem vir ao templo, tem sido uma grande experiência para mim," diz o presidente Edward H. Sorensen, segundo conselheiro da presidência do templo de Salt Lake. "Fazem quase o impossível, dentro da retidão, para poderem vir. Em dezembro p.p., na sexta-feira entre Natal e Ano nôvo, um casal e seus cinco filhos vieram de Nova Jersey. Perguntei-lhes como haviam vindo e responderam-me que pelas estradas da região meridional dos Estados Unidos a fim de evitar estradas más da região das planícies centrais. O pai explicou: "Eu tirei férias, as crianças não têm aulas, e assim decidimos empregar o dinheiro do Natal nesta viagem para sermos selados. Êste ano não houve presentes, somente a grande bênção que receberíamos ao sermos selados no templo com nossos filhos. É o melhor presente de Natal que jamais recebemos."

Outro incidente prende-se a uma família hispano-americana com dez crianças, que viajou desde o Texas numa caminhoneta de entregas a fim de ser selada no templo.

O presidente O. Leslie Stone, do templo de Salt Lake, dirigiu a seguinte observação aos companheiros que se dedicam ao trabalho nos templos em tôda a Igreja: "É preciso estar no templo, executando seus trabalhos importantes e vitais, para poder apreciar o Espírito e a influência que emana do nosso Pai Celestial. Que Deus não faz acepção de pessoas é um princípio símbolo da obra templária. Não importa quem sois, executais os mesmos trabalhos como o irmão que está a vosso lado, seja êle nosso patrão ou um dos nossos empregados. No templo de Salt Lake temos mais de mil trabalhadores voluntários. Temos milionários trabalhando lado a lado com operários, com idêntica dedicação. Temos banqueiros, advogados, médicos, pedreiros, mecânicos — tôdas as profissões imagináveis — más no templo obra o espírito da fraternidade para a salvação dos nossos amados, muito reais e muito vivos ancestrais que estão no mundo espiritual. É um trabalho que proporciona mais alegria e felicidade a um maior número de pessoas do que tudo o mais com que possamos estar associados. Deus o abençoa diâriamente e ninguém poderá se dedicar a êle sem obter um testemunho ardente sôbre a divindade dêsse trabalho."

Tais são o espírito e as experiências dos que se dedicam à obra genealógica e templária. Bem que nosso Salvador prometeu: "Se alguém quiser fazer a vontade dêle, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo." (João 7:17)



**E** crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens." (Lucas 2:52) "E a princípio não recebeu a plenitude, mas continuou de graça em graça, até receber a plenitude." (D&C 93:13)

Ela estava sincera e profundamente arrependida. Ao contar-me sua história, lembrei-me de Alma, o mais jovem:

"... fui torturado com eterno tormento, estando minha alma extremamente perturbada e atormentada por meus pecados. Sim, lembrei-me de todos os meus pecados e iniquidades, pelos quais me via atormentado com as penas do inferno; sim, vi que me havia rebelado contra Deus e que não havia guardado seus santos mandamentos. Sim, e que havia... conduzido (muitos de seus filhos) à destruição;... tão grandes haviam sido minhas iniquidades que a simples lembrança de ter que comparecer à presença de meu Deus atormentava minha alma horrivelmente. E eu meditava pensando em como se-

ria bom se eu fôsse desterrado e minha alma e meu corpo se extinguissem, para que eu não fôsse levado à presença de Deus a fim de ser julgado pelas minhas obras." (Alma 36:12-15)

Essa jovem havia cometido um terrível engano. Posteriormente tentara realmente arrepender-se. Aprendera o significado de muitos dos princípios ensinados pelo Salvador e esforçara-se por aplicá-los em sua vida. Saíra-se muito bem na escola e durante bastante tempo progredira intelectual, emocional, social, e acima de tudo, espiritualmente.

Depois repetira a falta. E agora se sentia como se tudo estivesse perdido, e havia só desesperança em sua atitude e, de fato, acêrca de tôda a sua vida.

Existem numerosas pessoas que de certa forma consideram o arrependimento como uma espécie de situação tudo-ou-nada. Quem pensa assim, sentir-se-á realmente como Alma ou como devem ter-se sentido as almas condenadas de Dante, quando leram a inscri-

# Escalando a Montanha

Reed H. Bradford

ção nas portas do Inferno: "Vós que aqui entraís, abandonai tôda a esperança."

Mas existe outra forma de encarar a situação — a forma positiva. Isto inclui alguns conceitos cujo mais profundo significado todo indivíduo precisa compreender.

## Motivação

Nosso Pai Celestial e o Salvador têm indicado repetidamente que desejam que nos tornemos como êles são. Querem que crescamos como o Salvador "em sabedoria... e graça diante de Deus e dos homens".

Considerai as seguintes declarações:

"... não temais, pequeno rebanho... eu não vos condeno; ide e não pequeis mais..." (D&C 6:34,35)

"... não obstante os seus pecados, as minhas entranhas se compadecem dêles..." (D&C 101:9)

"Na verdade, assim diz o Senhor a vós a quem amo, e a quem amo eu também castigo para que os seus pe-

cados possam ser perdoados, pois com o castigo eu preparo o meio de em tôdas as coisas livrá-los de tentação, e a vós tenho amado." (D&C 95:1)

É assim que nosso Pai Celestial se sente a nosso respeito e é assim que nos devemos sentir a respeito do nosso próximo.

## Crescimento Contínuo

Freqüentemente é fácil ficarmos impacientes com a conduta do próximo e mesmo com a nossa; mas não devemos esquecer que o processo de crescimento exige tempo. Não estamos fisicamente amadurecidos até alcançarmos um determinado ponto entre os 20 e 30 anos de idade. É possível que experimentemos tristeza ao ver alguém conduzir-se imaturamente ou cometendo pecados, mas da mesma forma como não podemos provocar a maturidade física da noite para o dia, assim também não é possível conseguir amadurecer emocio-

nal, social, intelectual, e principalmente, espiritualmente num curto lapso de tempo. Tantas coisas podem modificar-se no devido tempo, e o patinho feio pode transformar-se em belo cisne. Alma, o jovem, arrependeu-se e obteve uma nova e completa visão do amor de Cristo por êle. Alma comprometeu-se pessoalmente com o Salvador, dizendo:

"... (eu) havia nascido de Deus... e agora eis que... o Senhor me concede uma imensa alegria com o produto do meu trabalho. E fui amparado em tôdas as provas e em dificuldades de tôda espécie... e ponho minha confiança nele, que continuará a proteger-me." (Alma 36:23,25,27)

Esta é a espécie de atitude que nos auxiliará a ajudarmos nossos filhos e nos ajudarmos mutuamente. Por meio dessa atitude um pai pode manter o tipo de relação com seus filhos pela qual êstes conseguirão entender a motivação dêle para com êles — seu desejo para o contínuo crescimento, realização e alegria dêles. Tal pai continua tentando ensinar-lhes o significado dos princípios do Salvador e mostra-se paciente quando os filhos cometem enganos.

### **O Pecado Limita Nosso Progresso**

Temos que reconhecer que deixar de entender, aceitar e cumprir os princípios ensinados pelo Senhor limita nosso progresso: "Aquêle que transgride a lei, e não a obedece... não pode ser santificado pela lei, nem pela misericórdia, justiça ou julgamento..." (D&C 88:35)

### **Arrependimento**

Ôbviamente, se eu cometo um engano devia sentir pesar por tê-lo cometido. Deveria esforçar-me para tentar descobrir por que o fiz. Deveria fazer todo o empenho para não repeti-lo. O pecado em si é uma espécie de punição: "A iniquidade nunca foi felicidade." (Alma 41:10)

### **Perdão**

O próprio Salvador fez muitas coisas para ajudar-nos em nosso empenho de tornar-mo-nos semelhantes a êle. Ele sofreu a expiação: "Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer." (D&C 19:16)

Em muitas ocasiões Jesus indicou que nos concederia perdão por nossos pecados se preenchêssemos certas condições. Afirmou: "Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, dêles não mais me lembro." (D&C 58:42) Explicou também que de nossa parte êsse empenho deve ser honesto e sincero. Êste é um dos aspectos importantes da declaração de Moroni:

"... e se perguntardes com um coração sincero e com boa intenção, tendo fé em Cristo, Ele vos manifestará sua verdade pelo poder do Espírito Santo." (Moroni 10:4)

Isto também foi o tema da declaração do Senhor: "Êles se chegam a mim com os seus lábios, porém seus corações estão longe de mim." (Joseph Smith 2.19)

O que poderia aliviar o pesar da jovem sentada diante de mim? Seguem sugestões acêrca de algumas coisas básicas que poderiam ajudá-la:

**1. Ter fé na divindade da própria alma.** Todos nós somos filhos de um Pai Celestial divino. Como seu filho espiritual, cada um de nós herdou algo de sua divindade. Tôda pessoa possui dons potenciais e distintos. As vêzes é fácil perdermos de vista essa centelha divina devido a experiências tidas com nossos semelhantes aqui na terra. Comparamo-nos com êles e frequentemente êles possuem maior capacidade numa determinada área do que nós. Devemos centralizar nossa atenção nas satisfações recebidas ao desenvolvermos nossos próprios dons em vez de compararmo-nos com os outros.

**2. Estudar e orar a fim de compreender os princípios de Cristo.** Isto é um processo gradual que poderá prosseguir por tôda a vida. Se buscarmos com sincero empenho, êle nos dará "linha por linha".

**3. Quando cometer enganos, admiti-los perante si próprio.** Confessar-se também sinceramente diante do Senhor e dos que ofendemos. Está escrito:

"... lembra-te de que neste dia, o dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo, confessando os teus pecados aos teus irmãos e perante o Senhor." (D&C 59:12)

Mas é preciso ser cuidadoso ao revelar engano cometidos a pessoas não diretamente implicadas na ofensa, certificando-se de que merecem confiança.

### **4. Lembrar-se de que o Senhor perdoará:**

"... eu, o Senhor, perdôo os pecados daqueles que os confessam perante mim e pedem perdão, se não pecaram mortalmente." (D&C 64:7)

### **5. Perdoar a si mesmo e aos outros:**

"Portanto, digo-vos, que deveis perdoar uns aos outros; pois aquêle que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior." (D&C 64:9)

Quando Pedro perguntou ao Senhor quantas vêzes deveria perdoar seu irmão, o Salvador disse: "... Não te digo que até sete vêzes, mas até setenta vêzes sete." (Mateus 18:22) E nós teremos êsse desejo de perdoar se nossos motivos são a realização divina do outro indivíduo: "... sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou." (Efésios 4:32)

Seguir êsse procedimento é algo como escalar uma montanha: Pode-se cometer enganos ou falsear o pé mas aquêle que se erguer novamente, tirando lição dos enganos e procurando corrigi-los, sentirá real alegria e satisfação à medida que avança montanha acima. Eventualmente êle se tornará santificado.

"... Acontecerá que tôda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e obedecer à minha voz e guardar os meus mandamentos, verá a minha face, e saberá que eu sou." (D&C 93:1)

"Não vos deixarei órfãos... Aquêle que tem os meus mandamentos e os guarda, êsse é o que me ama; e aquêle que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a êle." (João 14:18,21)

# Somos Todos Professôres Substitutos

Nan Osmond Grass

**T**ôda pessoa que é chamada como professor na igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é um mestre substituto: um substituto do nosso Salvador. Através da inspiração do Espírito, homens e mulheres são indicados para o importante chamado de mestre. Portanto, os professores do Evangelho são chamados sob a autoridade de Cristo, e se forem merecedores, trabalham sob a direção dêle.

O dedicado professor profissional conhece um sentimento de ansiedade quando tem de entregar sua classe a outrem. Ele certificar-se-á de que seu substituto receba tôda instrução possível para que leclone eficientemente. O mesmo se dá com Jesus. A todos que buscam auxílio, êle diz: "Eis que Eu sou a luz; Eu vos dei o exemplo." (3 Néfi 18:16)

O exemplo que Cristo deixou aos que procuram imitá-lo no ensino pode ser sintetizado em quatro princípios fundamentais: Êle ensinava com Inspiração, Integridade, Diligência e Perspicácia.

## **Inspiração: Contar com o Senhor.**

Nada relacionado com a pregação de Cristo é acentuado mais vêzes do que sua dependência da inspiração.

"Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou." (João 8:28)

"Tudo me foi entregue por meu Pai." (Mateus 11:27)

"Eu nada posso fazer de mim mesmo... não procuro a minha própria vontade, e, sim, a daquele que me enviou." (João 5:30)

Era pela oração que Jesus procurava saber a vontade do seu Pai. Em tôdas as Escrituras sobejam passagens como estas:

"Êle... se retirava para lugares solitários e orava." (Lucas 5:16)

"Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava. (Marcos 1:35)

E quando Cristo, depois da ressurreição, visitou os nefitas, durante uma única reunião retirou-se quatro vêzes para orar. (Vide 3 Néfi 19:19-31)

Por isso, se alguém deseja ser um mestre substituto de Jesus, deve imitar seu exemplo de perfeita dependência do Senhor: "E da mesma forma com que orei entre vós, assim orareis em minha igreja." (3 Néfi 18:16)

## **Modo de Orar.**

Jesus não só ensinou a importância da oração, mas também especificou as condições necessárias. Um dos mais vitais atributos da oração eficaz é a fé:

"E tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes o que é direito e com fé, eis que recebereis." (3 Néfi 18:20)

Outro importante mas pouco mencionado requisito da oração eficaz nos foi dado por Jesus, em resposta ao pedido de um dos discípulos: "Senhor, ensina-nos a orar." Em sua resposta o Mestre ilustrou, por meio de uma parábola, a necessidade de oração incessante em face do desânimo. Um homem que implorava ao amigo que lhe emprestasse pão recebeu a resposta: "Não me importunes; a porta já está fechada e os meus filhos comigo já estão deitados. Não posso levantar-me para to dar." Então Jesus prosseguiu: "Digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia o fará por causa da importunação, e lhe dará tudo o de que tiver necessidade." (Lucas 11:7,8) A mesma verdade nos é ensinada na parábola da viúva importuna que conseguiu que sua causa fôsse julgada devido a seus constantes apelos. (Lucas 18:3-5)



# A LENDA DAS NOTAS MUSICAIS

**William e Barbara Neelands**

Ilustrado por Ted Nagata

**H**á muitos e muitos anos, em tempos antigos, um rapaz chamado Luan encontrava-se parado no descampado próximo a uma grande cidade rodeada de muralha.

"Onde estará meu pai?" perguntava a si mesmo.

Abaixou o olhar para a terra poeirenta, mas ali não encontrou resposta. Olhou para as águas tranqüilas de um pequeno lago, e viu somente o reflexo do céu. Voltou os olhos para cima, mas nada viu, nem mesmo uma nuvem que lhe contasse para onde fôra seu pai.

Um ancião envolto numa capa andrajosa e usando um grande chapéu de palha aproximava-se lentamente dêle.

"Vistes meu pai?" indagou Luan.

"Quem é êle?" retrucou o velho.

"É Lu-lin, o poeta, que vive junto à passagem para a água, sob a muralha do lado norte," explicou Luan. "O imperador o despediu da côrte, pois meu pai caiu em sua desgraça. Eu não sei para onde êle foi."

O ancião, amparado em seu bordão, guardou silêncio por um momento.

"Eu sou o imperador," disse afinal. Luan, jogando-se ao chão, tocou o solo com a testa.

"Podes ficar de pé, Luan," disse o imperador. "Teu pai não caiu em desgraça. Nada disso. Saiu numa jornada. Disse-me que na minha côrte faltava algo, e isso me aborreceu." Assumiu uma postura ereta.

"Eu sou o Filho do Céu," afirmou, os olhos lampe-

jando. A brisa arrepiou a água do lago e brincou com sua longa barba branca.

"Na minha côrte existem as mais preciosas gemas, as mais finas sedas, as mais belas pinturas, os mais perfeitos poemas de todo o mundo." Sorriu levemente. "Teu pai escreveu muitos dêles, mas agora se foi," suspirou o imperador, "como o fazem os poetas, para encontrar algo mais, algo perfeito que afirma estar faltando entre as maravilhas que cercam o Trono do Dragão."

"Meu pai diz que o que falta está no rio," aparteou Luan tímidamente. "E no vento e mesmo na própria terra. É por isso que vim aqui para longe da cidade."

"É," replicou o imperador. "É por isso que eu próprio ando por aqui envolto neste manto de camponês. Mas cabe a ti encontrar teu pai, não a mim. Disso estou certo. Tu falas de ar, terra e água. Êles nos ajudarão, pois são os elementos dos quais são feitas tôdas as outras coisas. Falta apenas um — o fogo."

"Mas êle me assusta," disse Luan.

O imperador rindo, tirou um anel de seu dedo. "Então toma êste rubi," exclamou. "Aí tens o teu fogo."

"É um anel mágico?" perguntou Luan.

"É o meu anel," disse o imperador. "Isso basta. Êle te protegerá e ajudará. Agora vá."

Luan afastou-se, inclinando-se respeitosamente. O imperador deu-lhe as costas dirigindo-se para as portas da cidade.

"Logo estarás de volta," gritou sôbre o ombro." Quando chegares, vem ao meu jardim. Os pêssegos então já estarão maduros."

Luan enfiou o anel num cordão que amarrou em volta do pescoço e prosseguiu na sua procura do pai.

"Não faço idéia de para onde poderia ter ido", exclamou mexendo no anel.

Uma pedra rolou para o caminho à sua frente.

"As montanhas são o princípio de tôdas as coisas," afirmou a pedra. "Meus antepassados vieram de lá. Vá para as montanhas."

Luan tomou a direção das montanhas e andou até sentir-se cansado.

"As montanhas são tão vastas," exclamou. "Como saberei onde encontrar meu pai?"

Um sapo pulou para a ribanceira do rio junto a seus pés.

"O rio é o princípio de tôdas as coisas," disse o sapo. "Êle sempre cuidou dos meus ancestrais. Siga o rio."

Luan prosseguiu pelas margens do Yang-Tse, Mãe das Águas, até o seio das montanhas. Andava mais vagorosamente, sentando-se freqüentemente para descansar.

"O rio é tão longo," exclamou Luan. "Como encontrarei meu pai?"

Um melro arremessou-se do alto de um penhasco, acima do rio.

"Nós, as aves, construímos nossos ninhos perto da fonte, a nascente do rio. É lá que encontrarás teu pai."

Luan achou o pai próximo à nascente, onde o rio começa.

"Conseguiste encontrar o que procuravas?" indagou Luan.

"Eu não sei," respondeu Lu-lin. "Fica aqui comigo oculto atrás dos caniços. Veremos o que acontecerá."

Ao pôr do sol, um par de aves de plumagem vivamente colorida e quase do tamanho de um homem apareceu ao lado da nascente.

"As aves sagradas do imperador!" sussurrou o pai de Luan. "Não têm sido vistas há centenas de anos. Elas sômente aparecem quando algo muito importante está para acontecer. Têm aparecido tôdas as noites desde que estou aqui. Estou esperando para ver o que farão."

Excitado, Luan estivera dando puxões no cordão que levava ao pescoço. Enfim o nó cedeu, e o anel do imperador rolou pela ribanceira caindo aos pés das aves.

Ambas as aves inclinaram-se profundamente diante do anel. Então a maior delas ergueu a cabeça para o céu vespertino, emitindo um pio claro, como o som da flauta. Luan e o pai ouviram a brisa nos caniços repeti-lo. O suave murmurar da água o acompanhou e mesmo as pedras aos pés dêles pareciam cantar.

Lu-lin cortou cuidadosamente um caniço, soprou nêle com delicadeza, e produziu o mesmo som.

A ave menor inclinou-se novamente, levantou a cabeça e deu outro pio.

"É um som diferente," disse Luan. "Deixa-me tentar imitá-lo."

Cortou um caniço mais curto e soprou. As aves quedaram-se silenciosas.

"Muito baixo," observou o pai. "Corta um pouco mais."

Logo Luan conseguiu emitir a nota certa.

Por dez vêzes mais as aves emitiram doces sons sibilantes. Luan e o pai cortaram caniços que os imitassem. Quando afinal ergueram os olhos, as aves haviam desaparecido.



"É isto que estava faltando na côrte do imperador," disse o poeta. "É do que careciam minhas poesias. Escuta!"

Soprou nos caniços sucessivamente.

Luan apanhou o anel do imperador e iniciaram a jornada para casa. O rapaz avançava dançando ao longo das margens do rio enquanto seu pai soprava nos caniços. Os sapos pulavam para as ribanceiras para ouvir, aves aquáticas revolteavam sôbre suas cabeças, e as pedras dos penhascos devolviam o eco suave das notas.

O imperador recebeu Lu-lin e Luan em seus jardins. Ficou a ouvir os sons produzidos pelos caniços. Depois largou suas ferramentas de jardinagem e envergou suas vestes reais.

Concedeu honras e grandes riquezas a Lu-lin. A Luan deu uma cesta de pêssegos e sua amizade. Preservou os sons em tubos de ouro e sinos de bronze e prata.

Escondeu os sinos num lugar secreto, pois hordas de târtaros ameaçavam invadir o país.

Quando as tropas imperiais não mais conseguiram deter os bárbaros, êstes invadiram a cidade saqueando o palácio. As finas sedas foram rasgadas e enxovalhadas, os quadros destroçados. Roubaram o ouro e as gemas e os caniços dourados foram fundidos e esquecidos.

Ao fim de certo tempo o imperador pôde voltar ao palácio.

"Tudo se foi," disseram os cortesãos acobrinhados.

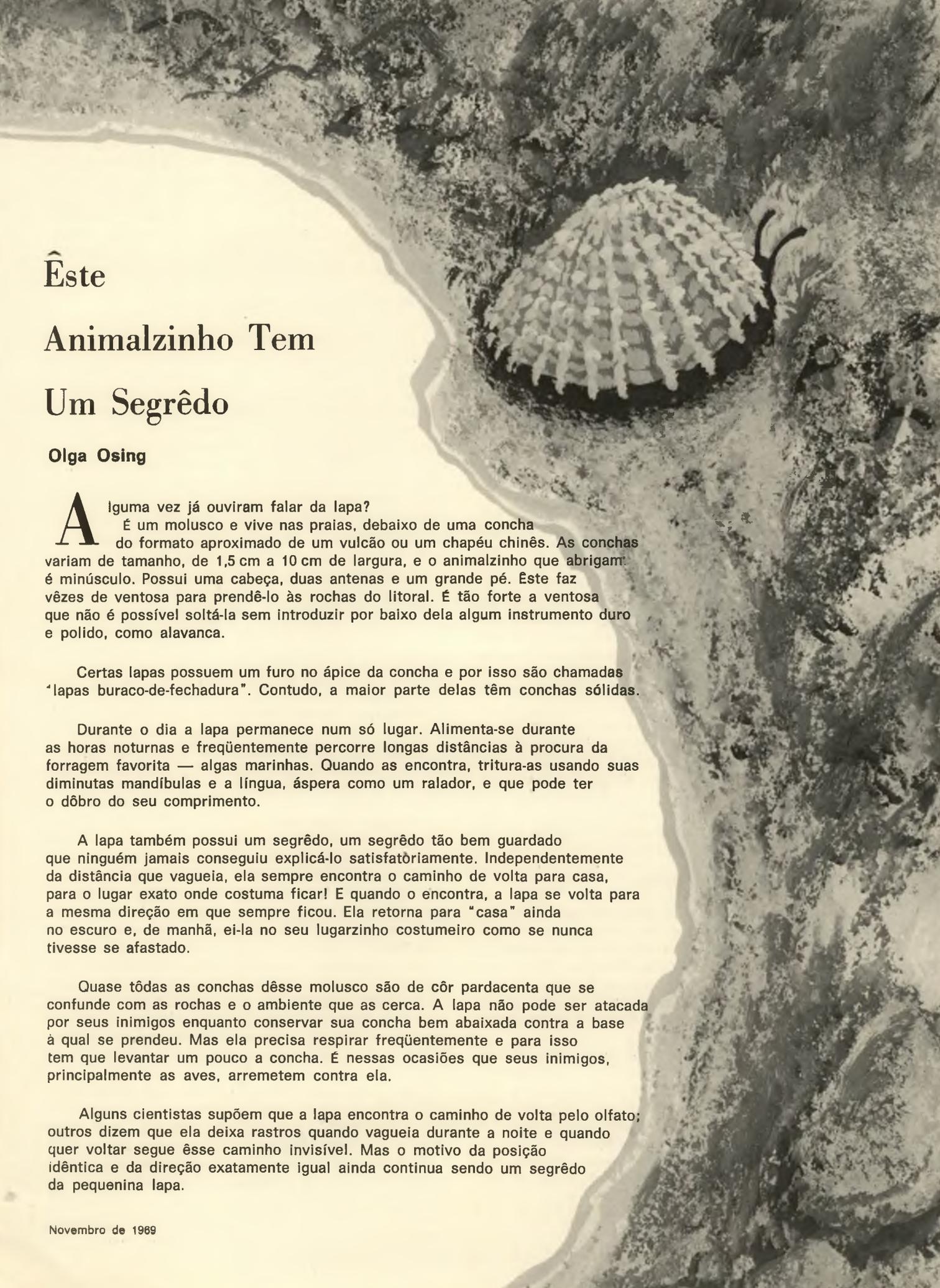
"Nem tudo," observou o imperador.

Levou Luan consigo para ver o que restara dos seus jardins. Já estava velho demais para cavar a terra, mas Luan o fêz por êle. Encontraram os sinos de bronze e prata onde o imperador os enterrara, debaixo dos pessegueiros.

Ainda cobertos de terra, soaram com os claros e exatos tons dos quais Luan não se esquecerá.

E desde então existe a música no mundo.





Êste

Animalzinho Tem

Um Segrêdo

Olga Osing

**A**lguma vez já ouviram falar da lapa? É um molusco e vive nas praias, debaixo de uma concha do formato aproximado de um vulcão ou um chapéu chinês. As conchas variam de tamanho, de 1,5 cm a 10 cm de largura, e o animalzinho que abrigam é minúsculo. Possui uma cabeça, duas antenas e um grande pé. Êste faz vêzes de ventosa para prendê-lo às rochas do litoral. É tão forte a ventosa que não é possível soltá-la sem introduzir por baixo dela algum instrumento duro e polido, como alavanca.

Certas lapas possuem um furo no ápice da concha e por isso são chamadas "lapas buraco-de-fechadura". Contudo, a maior parte delas têm conchas sólidas.

Durante o dia a lapa permanece num só lugar. Alimenta-se durante as horas noturnas e freqüentemente percorre longas distâncias à procura da forragem favorita — algas marinhas. Quando as encontra, tritura-as usando suas diminutas mandíbulas e a língua, áspera como um ralador, e que pode ter o dôbro do seu comprimento.

A lapa também possui um segrêdo, um segrêdo tão bem guardado que ninguém jamais conseguiu explicá-lo satisfatoriamente. Independentemente da distância que vagueia, ela sempre encontra o caminho de volta para casa, para o lugar exato onde costuma ficar! E quando o encontra, a lapa se volta para a mesma direção em que sempre ficou. Ela retorna para "casa" ainda no escuro e, de manhã, ei-la no seu lugarzinho costumeiro como se nunca tivesse se afastado.

Quase tôdas as conchas dêsse molusco são de côr pardacenta que se confunde com as rochas e o ambiente que as cerca. A lapa não pode ser atacada por seus inimigos enquanto conservar sua concha bem abaixada contra a base à qual se prendeu. Mas ela precisa respirar freqüentemente e para isso tem que levantar um pouco a concha. É nessas ocasiões que seus inimigos, principalmente as aves, arremetem contra ela.

Alguns cientistas supõem que a lapa encontra o caminho de volta pelo olfato; outros dizem que ela deixa rastros quando vagueia durante a noite e quando quer voltar segue êsse caminho invisível. Mas o motivo da posição idêntica e da direção exatamente igual ainda continua sendo um segrêdo da pequenina lapa.



### **Integridade: Sinceridade e Contrição.**

Jesus também ensinou que para orar temos que ter um coração quebrantado e espírito contrito, pois Deus não ouve as orações do pecador impenitente. Esta verdade conduz ao segundo princípio relacionado com o exemplo de Cristo: um professor deve ter integridade.

É-nos dito em Mateus, capítulo 4, que antes de iniciar seu ministério, Cristo foi tentado por Satanás; e com seu triunfo sobre o maligno ele demonstrou que aqueles que desejam servir a Deus devem colocar seus apetites físicos no seu devido lugar: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus." (versículo 4)

Não deve ter medo nem duvidar da providência divina: "Não tentarás o Senhor teu Deus." (versículo 7)

Precisa subordinar seus desejos de riqueza e poder mundanos à sua devoção a Deus: "Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto." (versículo 10)

Procurando incessantemente servir somente a Deus, o professor alcançará a integridade de caráter que o qualificará para a obra do Senhor.

### **Diligência: Dominar a Matéria.**

Jesus era diligente. Embora disponhamos de poucas informações diretas quanto ao seu preparo escolar, sabemos o suficiente para ter certeza de que se esforçou para adquirir conhecimento. Lucas registra: "Crescia o Menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria," (Lucas 2:40) e mais tarde declara que, aos 12 anos, Jesus causou admiração aos mestres do templo com sua grande sabedoria.

Durante todo o seu ministério Jesus falou com a autoridade que provém do conhecimento. Os mestres eficientes de hoje conhecem a importância do preparo cuidadoso. Ninguém poderá esperar ser bem sucedido como professor se não estiver disposto a dominar os assuntos da sua matéria. Na verdade, Jesus tornou a preparação um pré-requisito da inspiração: "Ensinai diligentemente e a minha graça vos atenderá." (D&C 88:78)

A diligência quanto ao preparo tem que estar acompanhada da disposição de contribuir com nosso tempo e talentos sem regatear. Um dos exemplos específicos e tocantes da disposição de Jesus de dar-se a si mesmo aos outros é relatado por Marcos. Após receber a notícia da morte de João Batista, Jesus retirou-se abatido e evidentemente faminto, pois Marcos diz "eles não tinham tempo nem para comer." (Marcos 6:31) Mas quando Jesus viu que a multidão o seguira, "compadeceu-se deles... e passou a ensinar-lhes muitas coisas." (Marcos 6:34) A própria extensão de seu ministério atesta sua diligência e serviço abnegado a Deus.

### **Perspicácia: Como Ensinar.**

Por mais importantes que sejam o preparo cuidadoso e a disposição de servir, o professor precisa imitar o exemplo de Jesus em outro aspecto importante, se deseja ser bem sucedido. Precisa ter perspicácia — perspicácia quanto à natureza humana e no tocante ao processo de aprendizagem propriamente dito. Infelizmente, muitos professores eruditos têm deixado de inspirar seus alunos porque lhes faltou a compreensão de como ensinar. Quanto a esse aspecto, Jesus nos legou ricos tesouros; pois em todos os seus ensinamentos empregou as técnicas mais convenientes para a ocasião.

Reconhecendo as limitações dos seus ouvintes, Jesus lançou mão de ilustrações ao alcance da experiência deles. Ao descrever o desconhecido, falava em termos do conhecido: aos que lavravam a terra contou a parábola do semeador; para as donas de casa comparou o reino de Deus com o levêdo no pão; aos rapazes e moças ensinou a necessidade de se prepararem, por meio da parábola das dez virgens; chamou os pescadores para o seu serviço dizendo-lhes que se tornariam pescadores de homens. Sempre que ensinava, usava exemplos concretos para ilustrar as verdades: a casa edificada sobre a rocha, resistirá; a fé tão pequena como um grão de mostarda desabrochará em frondosa árvore que dará refúgio aos pássaros. Suas lições estão repletas de imaginação.

### **Soerguer o Homem.**

Jesus ensinou que a natureza do homem exige que ele consiga ver os benefícios de determinado curso de ação antes de desejar segui-lo. O estudo do Sermão da Montanha já basta para demonstrar quão vividamente Jesus apresentava as recompensas resultantes da conduta correta. Referiu-se a si próprio como o pão da vida e a luz que penetra as trevas. Seus ensinamentos eram positivos. Estudando seu ministério adquirimos a visão da importância de ensinar o que eleva e encoraja o homem, em lugar do que o degrada. Através do que ensinamos sabemos que todo homem merece ser tratado com respeito e dignidade — pois não somos todos filhos de Deus?

Ensinando com inspiração, integridade, diligência e perspicácia, podemos nos tornar dignos representantes de Cristo, nosso Senhor. E não será dito daqueles a quem ensinamos; "As ovelhas famintas erguem o olhar e não são alimentadas," pois estaremos procurando sinceramente seguir as pegadas do Bom Pastor.

# “... Isso é tudo o que tens.”

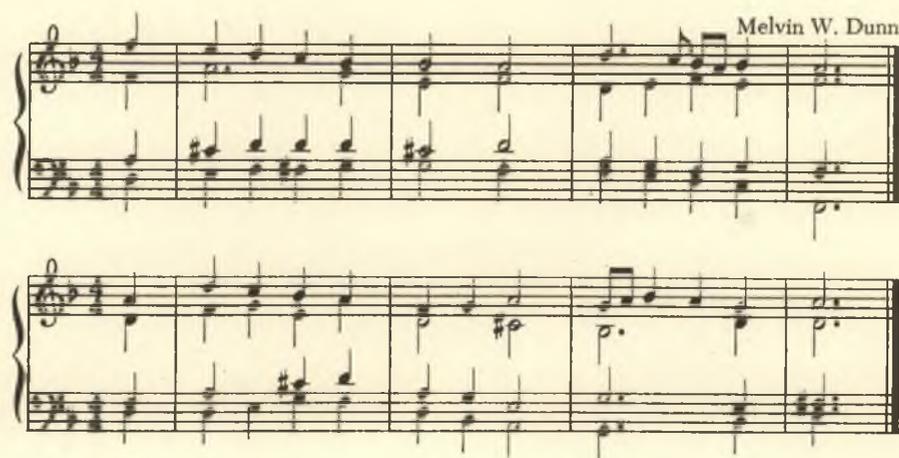
**Richard L. Evans**

do Conselho dos Doze

**E**xiste uma frase de Emerson que de certa forma resume o propósito da vida em poucas palavras: “Faze o máximo de ti mesmo, pois isso é tudo o que tens.” Todo homem é sempre e para sempre inseparavelmente êle próprio. Todos nós estamos sempre conosco mesmos. Estamos constantemente em nossa própria companhia. Somos uma combinação de faculdades mentais, espirituais e físicas que utilizamos, ou deixamos de usar, de uma forma ou outra. Se não aprendermos — não saberemos; se não praticarmos — não progrediremos. Ou nos comprometemos com as virtudes e as oportunidades sadias da vida — ou então decaímos para algo inferior do que poderíamos ter sido. Produzimos o registro do que somos; edificamos a própria essência de nós mesmos pelas escolhas e decisões de tôdas as horas, de cada instante. Podemos nos tornar muito mais, ou então muito menos, mas nunca conseguiremos fugir de nós mesmos. Às vêzes os jovens andam à deriva na vida, na escola, no trabalho, ou não querem absolutamente nada com nada, pensando que não é preciso esforçar-se muito - basta conseguir passar,

ir levando, fazendo o mínimo possível. Embora isso possa causar desapontamento a outros, em última análise é danoso principalmente para uma única pessoa - a pessoa que não quer aprender, trabalhar, produzir e se preparar. Como o disse Emerson, na verdade “É impossível o homem ser ludibriado a não ser por êle próprio.” Quem seria tão imprevidente a ponto de mostrar-se indiferente às oportunidades de aprender — tão imprevidente que escolha o caminho inferior, decida violar a lei — tão imprevidente que produza ou promova ou participe de coisas que rebaixem a moral, ou prejudiquem o corpo, a mente ou o espírito do homem. A vida é eterna e sempre devemos buscar a excelência: aprendendo, desenvolvendo-nos, tornando-nos mais úteis, vivendo de forma a ter uma consciência limpa, tranqüila, em pureza, dignidade, saúde, felicidade — tornando-nos o melhor que nos fôr possível, com reverência e respeito. “Faze o máximo de ti mesmo, pois isso é tudo o que tens.” Fazer menos seria insensatez, estupidice, cegueira.

## Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



### Jóias Sacramentais

**ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR**

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque a caridade é de Deus.”

I Jo. 4:7

**ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR**

“O meu mandamento é êste: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.”

Jo. 15:12



# Coloquem o Pai de Volta à Cabeça da Família

Presidente Stephen L. Richards

**N**ós, membros da Igreja de Jesus Cristo, estamos encarregados da responsabilidade transcendente de edificar e manter o Reino sobre a terra. É na esperança de que talvez consiga contribuir com algo para esta causa, a maior de todas, que vos trago uma sugestão um tanto prática... Há térmites corroendo os alicerces do Reino, os lares do povo, e são mais destruidoras e ardilosas do que esse pequeno inseto semi-microscópico que destrói nossas paredes. É imperativo que se tomem providências corretivas.

## **Nove Palavras.**

Decidi tecer alguns comentários acerca de um assunto que espero sinceramente não seja por demais provocador, e certamente não ofensivo, às irmãs e outras

mulheres que me ouvem. Baseio meu texto, com meu pleno reconhecimento, num artigo publicado há meses na revista "This Week Magazine", recentemente reeditado pelo "Reader's Digest" de autoria do juiz Samuel S. Leibowitz, magistrado sênior da mais alta cõrte criminal de Brooklyn, em Nova Iorque. O artigo se intitula: "Nove Palavras Que Poderão Acabar Com A Delinqüência Juvenil", e essas nove palavras empregadas pelo juiz são: "Coloquem o Pai de Volta à Testa da Família."

É provável que grande parte da nossa audiência tenha lido êsse artigo desafiador. O tempo disponível apenas permite-me apresentar-vos alguns dados estatísticos e umas poucas conclusões a que chegou êsse eminente magistrado que empregou 21 anos de sua vida como advogado criminal e 16 como juiz naquela cõrte, tendo longos anos de estudo e observação sôbre as causas da delinqüência juvenil. Esteve na Europa descobrindo em registros oficiais que a porcentagem de crimes cometidos em cada um dos seguintes países por pessoas de 18 anos de idade ou menos, é a que segue:

Itália: 2% de crimes sexuais, e 1/2 a 1% de homicídios.

França: 7% de crimes sexuais, e 8% de homicídios.

Bélgica: 12% de crimes sexuais, e 1% de homicídios.

Grã-Bretanha: 16% de crimes sexuais, e 1% de homicídios.

Alemanha: 15% de crimes sexuais e 1% de homicídios.

E eis aqui a tragédia — nos Estados, 35% de todos os crimes sexuais e 12% dos homicídios são cometidos por contraventores com menos de 18 anos de idade. O número de contraventores adolescentes nos Estados Unidos excede os de outros países numa proporção que varia de 1800% a 100%. Êle chegou à conclusão de que deve haver algum fator preponderante responsável por tal disparidade tão desfavorável aos Estados Unidos e descobriu, como bem se poderia ter previsto, que a razão primária para a reduzida porcentagem de delinqüência juvenil nos países europeus é o respeito pela autoridade, e que o que mais contribui para êsse respeito é a observância da autoridade no lar que, como êle acentua, cabe normalmente ao pai como cabeça da família.

Creio que as conclusões a que chegou êsse magistrado podem parecer mais surpreendentes e sensacionais às pessoas que não pertencem à Igreja, à qual temos a honra de pertencer, do que prõpriamente aos membros dela. Há gerações que nós, como Igreja, temos advogado exatamente o que êsse juiz recomenda — colocar e manter o pai à cabeça da família, e temos feito todo empenho para que esteja qualificado para essa sublime e pesada responsabilidade. Paternidade, Maternidade e o Lar.

Permiti que tome alguns minutos para dar-vos nosso conceito de lar, paternidade e maternidade. Nada ocupa um lugar mais singular e distinto em nossa teologia e em nossa compreensão dos propósitos de Deus para os seus filhos.

Definimos o lar como uma instituição divina estabelecida sôbre a duradoura união de um bom homem e uma boa mulher, pela qual os filhos de nosso Pai Ce-



Presidente Stephen L. Richards

lestial podem receber corpos mortais investidos de inteligência eterna; e essas crianças são assim recebidas no lar para serem criadas com saúde e guiadas nos caminhos da vida por pais amorosos e sábios de tal modo que, quando a vida delas chegar ao termo, tenham condições de voltar à presença do Senhor, de onde seus espíritos vieram originalmente. Nesse maior de todos os empreendimentos, o homem e a mulher são parceiros — co-responsáveis por êsse pacto permanente que os liga.

Contudo, há nesse pacto eterno um aspecto que talvez não seja compreendido por milhares de homens e mulheres que participam de um matrimônio cristão — o elemento do Sacerdócio. Sôbre o matrimônio e o Sacerdócio foram reveladas duas coisas de vital importância. Primeiro, que nenhum casamento que deva perdurar para sempre, de modo que intrinsecamente o lar possa ser projetado na eternidade, poderá ser estabelecido sem autorização e sanção do Sacerdócio divinamente concedido. E segundo, que nenhum casamento é elegível para a celebração pelo Sacerdócio divinamente concedido sem que o parceiro masculino dessa união já tenha êle próprio recebido o "endowment" do Santo Sacerdócio.

Quando a ordenança do casamento é celebrada não só para o tempo mas para tãda a eternidade, nós a chamamos de selamento — selamento de uma boa mulher a um bom homem do Sacerdócio, com o acõrdo e convênio expresso de que o Sacerdócio do homem, se êle fôr fiel e viver de modo a ser digno de exercê-lo, será a autoridade suprema no lar, e nenhuma mulher da nossa Igreja negará ao marido, digno portador do Sacerdócio, o respeito que merece êsse chamado sublime. Ela sabe que elevar o marido aos olhos dos filhos e assim torná-lo cõnscio da responsabilidade de sua liderança é a melhor salvaguarda que pode proporcionar à família nesse mundo de tentações. As mulheres da Igreja rezoijam-se no Sacerdócio de seus maridos; elas sabem



A autoridade no lar repousa sobre o pai.

que tal Sacerdócio não é expresso em domínio autocrático ou injusto. Sabem que é um poder de origem divina a ser exercido sempre com longanimidade e paciência, bondade e misericórdia, "reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquele que repreendeste..." (D&C 121:43) Elas sabem que esse Sacerdócio possui realmente o poder de abençoar, o poder de curar, o poder de aconselhar, de fazer com que prevaleçam a paz e a harmonia.

### Recobrar a Masculinidade

Talvez as mais tristes entre todas as mulheres da Igreja sejam aquelas que vêem seus esposos desertarem desse Sacerdócio de que foram investidos. São mulheres cheias de ansiedade pelo próprio futuro e o de suas famílias. Na companhia segura de um marido portador do Sacerdócio a boa esposa consegue vencer qualquer dificuldade, sentindo conforto, resignação e paz. Mas se o esposo malogra diante dela e do seu santo chamado, é realmente difícil para ela sentir-se consolada. Ela se aflige, ora, roga e por vezes aparentemente em vão.

A vós, maridos portadores do Sacerdócio, que porventura negligenciastes vossos convênios, eu peço que, por amor de vossas esposas e famílias pesarosas, aliviéis o sofrimento que estais inflingindo àqueles que vos amam, que recobreis a masculinidade e a força, para serdes dignos de reassumir em retidão a liderança de vossas famílias. Elas desejam respeitar-vos, e o farão se o permitirdes.

### Firmar a Imagem Paterna

Penso ter falado em nome da grande maioria das esposas e mulheres da Igreja. Contudo, talvez existam umas poucas que não estejam colaborando, na medida em que deveriam, na conservação e re-estabelecimento do respeito pela devida autoridade e liderança no lar. Temos muitas mulheres excepcionais e sinto admiração

por suas grandes realizações. Estão exercendo cada vez maior influência em todos os aspectos da vida e atividades profissionais e não tenho dúvidas de que suas contribuições serão de valor duradouro. Se qualquer delas é também mãe, tenho a firme convicção de que, a despeito de quão brilhante seja em atividades estranhas ao lar, ela não tem obrigação e chamado mais importante, sublime e divino do que ser o tipo certo de esposa e mãe, dentro do lar. E independentemente da superioridade de suas realizações, ela tem para com o marido o dever de respeitá-lo como o cabeça da família e ensinar os filhos a fazerem o mesmo.

O juiz a que me referi diz: "Se as mães entendessem que grande parte da importância delas reside em firmar a imagem paterna para as crianças, alcançariam a profunda satisfação de vê-las tornarem-se pessoas de valor... E nenhuma mãe teria jamais que estar diante de mim com os olhos marejados de lágrimas perguntando: 'O que fiz eu de errado, Juiz? Onde falhei?'"

Pode parecer indelicado num discurso deste tipo chegar a empregar a expressão 'esposas ranhetas'. Se não tivesse relação com o assunto em pauta, eu não o mencionaria. Sinto que as mulheres que possam ser consideradas como pertencendo a essa categoria, não podem estar plenamente conscientes, seja qual for a provocação, dos danos que infligem ao espírito reinante no lar. Considero as mulheres, de um modo geral, como sendo pacientes e resignadas, e penso que, pelo que podemos prever do futuro, ser-lhes-á exigido ainda maior tolerância, mas tenho a esperança de que, ainda assim, elas serão capazes de demonstrar bondade e paciência àqueles que as apoquentam. Acho que as discussões entre o casal, perante as crianças, são um dos mais lamentáveis e lastimáveis de todos os aspectos das relações domésticas. São responsáveis por maior dano à tranquilidade doméstica e efeitos nocivos nas crianças do que quase qualquer outra ocorrência na vida familiar. Suponho que seja inevitável que os pais tenham certas diferenças de opinião. Mas, para o bem de todos, devem ser discutidas em particular, e isto não é impossível, se prevalecer o espírito de tolerância e reconhecimento de autoridade. Penso que a 'mulher ranheta' não conseguirá com seus resmungos levar o marido a fazer qualquer coisa que valha a pena. Rezingar geralmente não leva a nada e destrói qualquer ambiente de harmonia e paz. Nos lares presididos pelo Sacerdócio, rebelião e devoção não florescem juntos.

... Essa idéia de recolocar o pai à cabeça da família não é apenas uma frase nova e atraente. Está de acordo com as revelações do Senhor e penso que o magistrado que o aconselha não o ignora.

"As mulheres sejam submissas a seus próprio maridos, como ao Senhor;

"porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo salvador do corpo.

"Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos.

"Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela." (Efésios 5:22-25)

As Escrituras modernas também dão apoio a essa doutrina fundamental. Quando adequadamente interpretada e aplicada não vejo como as mulheres justas conseguirão furtar-se a ela. Nenhuma mulher poderá ser boa mãe sem desejar o que é bom para seus filhos. Se o estabelecimento de chefia dentro da família contribui para o bem-estar da mesma, como o exame do assunto parece indicar, como poderá então deixar de tentar desenvolver o respeito e a consideração pelo marido? Admito que certos pais e maridos tornam difícil conservar-lhes o respeito, mas abandonar por isso o próprio princípio e assim desobrigar os pais da responsabilidade de manter a virtude e a bondade entre os filhos, certamente não nos levaria a parte alguma.

### **O Poder do Exemplo Dado Pelo Pai**

É ocioso dizer que se o pai quer ser respeitado como o cabeça do lar, êle deve dar o exemplo. O artigo ao qual me tenho referido propugna êsse princípio e os entendidos em delinqüência juvenil são unânimes em que a criança, para se tornar uma pessoa digna dentro da sociedade e do lar, necessita de padrões adequados aos quais se possa ater. É preciso haver uma distinção clara entre o certo e o errado, e também uma disciplina salutar, sábia e bondosa. Em meio às teorias um tanto confusas criadas por sociólogos e criminologistas, parece-me que não estamos indo muito longe em nosso empenho de fornecer à juventude um critério para orientação de suas vidas. Não há critério mais seguro do que aqueles que foram experimentados e se provaram satisfatórios, princípios de retidão e verdade provenientes de fontes divinas. Não vejo como qualquer pai inteligente possa sentir-se no caminho perigoso e incerto se criar seus filhos de modo a reconhecerem as virtudes e princípios de conduta tradicionais e divinamente aprovados.

Ontem lemos sôbre um jovem de condição social bastante elevada cedendo à paixão de matar que o levou ao assassinio de uma mãe. Amanhã leremos acêrca de outro caso, ou depois de amanhã, ou num futuro próximo. Certamente faltou algo no aprendizado da vida de tais perversos. Na noite anterior li com satisfação as observações de J. Edgar Hoover, diretor do FBI, acêrca do mesmo assunto.

Dias atrás, Billy Graham, um pregador evangélico, redigiu um artigo para a mesma revista que tenho citado, sob o título "Por Que Eu Acredito no Demônio". Apresentou êle três motivos: primeiro, porque a Bíblia afirma claramente que êle existe; segundo, "porque vejo suas obras em tôda a parte"; terceiro, "porque eminentes letrados têm reconhecido sua existência."

O primeiro motivo é suficiente para mim. O Senhor tem revelado a existência de Satanás, além de seu lugar e papel no plano eterno da vida e da salvação. Billy Graham aparentemente desconhece o que as Escrituras modernas contidas no Livro de Mórmon e no nosso Doutrina e Convênios revelam sôbre êsse assunto, senão os teria citado, ou ao menos espero que o faria. Eis aqui o trecho:

"... é necessário que o diabo tente aos filhos dos homens, ou êstes não poderiam ser seus próprios árbtros; pois, se nunca tivessem o amargo, não poderiam conhecer o doce —" (D&C 29:39)

Esta e outras Escrituras esclarecedoras mostram que seria impossível para o homem ter livre arbítrio para desenvolver um caráter forte, resistência ao mal e procurar o aperfeiçoamento, sem que estivesse sujeito ao poder e influência de Satanás, o pai de todos os males. Certas pessoas sofisticadas ridicularizam essa idéia de um personagem poderoso, mas isto não anula o fato revelado de sua existência e o registro de suas realizações.

Os professores da Escola Dominical e outras pessoas podem ensinar à criança acêrca do bem e do mal, mas ninguém melhor do que o pai de família poderá mostrar à prole, pela qual é responsável, o poder do adversário e a resistência necessária a ser adquirida para opor-se às tentações sedutoras. Quem estaria mais qualificado para demonstrar pelo poder do exemplo as virtudes e padrões da retidão do que o cabeça da família?

A todos que crêem que os céus obedecem à lei da ordem e que o Reino de Deus é estabelecido sôbre princípios de retidão, submeto as seguintes perguntas: É possível manter a ordem sem respeito à lei e sem disciplina? É possível haver disciplina sem reconhecimento da autoridade? Nas instituições humanas e governos dos homens não é essencial que a autoridade seja concedida a certas pessoas? Onde encontrar uma pessoa mais perfeitamente dotada pela própria natureza e pelas ordenanças divinas para receber e exercer autoridade em seu próprio lar do que o pai dessa família?

### **A Ordem no Lar Traz Ordem ao Reino**

De onde poderíamos esperar maior contribuição para alcançarmos a ordem do Reino se não dos lares do nosso país?... Podereis imaginar um bem maior para a juventude do que prepará-la com amor e firmeza para que seja digna do amor de Deus e das bênçãos eternas que êle oferece a todos que lhe obedecem?

... Não sinto nenhuma hesitação, nenhuma dúvida ou incerteza ao advogar que em vossos lares seja adotado êsse conceito salutar de colocar o Pai novamente à testa da família. Não tenho palavras para expressar minha admiração e profunda estima pelas mães, reconhecendo plenamente que seus cuidados amorosos, pacientes, sempre serão um dos mais importantes fatores no desenvolvimento de bons e virtuosos homens e mulheres. Em virtude de seu imenso amor pelo lar e pela família, creio que estarão dispostas a aceitarem prontamente essa idéia que vos apresento. Sei que elas acolherão de bom grado tudo o que fôr justo para prevenir essa calamidade que abala a própria existência de nosso país, não apenas para a geração atual, mas que poderá afetar seu rumo em épocas futuras.

Que Deus abençoe os lares da nossa pátria e os de todo o mundo. Que Deus abençoe as crianças para que venham a conhecer a verdade e a justiça e para que possam adotar em suas vidas tudo o que fôr bom. Que Deus abençoe as mães pelo amor que trazem aos nossos lares, e os pais para que possam ser dignos de ocupar o lugar que lhes foi designado como cabeça da família, sôbre a qual devem presidir com bondade, amor, dignidade e honra.



## JUVENTUDE DA IGREJA

# DEDICAÇÃO DA JUVENTUDE AO SALVADOR

Dr. W. Dean Belnap

**D**e que forma poderá a juventude da Igreja desempenhar mais eficientemente suas responsabilidades para com sua família eterna? Eis o desafio dado pela Primeira Presidência ao Comitê Genealógico do Sacerdócio, em cooperação com o Comitê de Correlação da Juventude da Igreja.

Assim, está sendo preparado um programa conjunto para os jovens, tanto na área curricular como na de atividades proveitosas. Existe a convicção de que as divergências entre as gerações, tão faladas hoje em dia, podem ser dirimidas através da implementação do conceito da família eterna. Se os jovens puderem ser levados a compreender quem são na realidade — descendentes e herdeiros de uma linhagem nobre do Sacerdócio — essa brecha entre as gerações se desvanecerá.

Tal brecha originou-se quando Caim desobedeceu a Deus, separando-se de Adão e Eva. Se Caim tivesse compreendido seu potencial e linhagem principesca, e obedecido aos preceitos do Sacerdócio, então a brecha não teria surgido naquela época. Desde então até os dias atuais existe disparidade entre as gerações.

A juventude de hoje, talvez mais do que qualquer outra da história, precisa focalizar sua atenção na própria imagem e identidade, na família e em suas relações com a Igreja, ou seja, a sociedade de Deus. Parece fortuito que o Senhor tenha concedido aos rapazes de 12 anos o Sacerdócio, com seus poderes inerentes. Ao mesmo tempo, as jovens de idade correspondente precisam sentir a influência do Sacerdócio em suas vidas, não necessariamente como portadoras dEle, mas como participantes em potencial do Sacerdócio com seus maridos.

Os jovens no limiar da preparação para a masculinidade e a feminilidade necessitam identificar sua missão terrena com o conhecimento de que foram preordenados para assumir responsabilidade na existência pré-mortal. Devem ser levados a entenderem as Escrituras, e por experiências significativas compreenderem seu nobre direito hereditário, além do compromisso assumido com o Salvador na pré-existência. Devem saber

que favoreceram o plano dEle e votaram pela aceitação do seu poder do Sacerdócio e concordaram em usá-lo em favor da edificação e governo do reino dEle.

A duração desse programa de preparação é de sete anos, tanto para os rapazes do Sacerdócio Aarônico como para as jovens de idade correspondente. A meta do casamento celestial ou para a eternidade, concentra a atenção do jovem casal na linhagem que se estende do passado ao futuro. Durante seus anos de adolescência, os jovens são instruídos nas funções sacerdotais, a fim de qualificá-los para os votos e convênios do Sacerdócio de Melquisedeque e para se tornarem sócios plenamente habilitados do Salvador.

A primeira área focalizada nesse programa de treinamento é dirigida no sentido do jovem compreender o conceito da família eterna, através da participação na obra genealógica e do templo. Os diáconos e Abelhinhas serão incentivados, com a cooperação dos pais, a organizarem um livro de recordações, que tornar-se-á um instrumento continuamente utilizado, durante toda a vida. Onde for exequível, também será providenciado que os jovens possam realizar batismos pelos mortos.

Os programas para as Meninas-Moças, Lauréis, mestres e sacerdotes, continuarão a emprestar ênfase à importância de encontrar a própria identidade através da família eterna. Receberão instruções quanto ao propósito dos templos, a fim de orientá-los e preparar os jovens para seus "endowments" e selamentos.

Os líderes da Igreja preocupam-se com a geração de amanhã. Interessam-se em que a juventude aprenda o conceito de amor e a natureza do relacionamento recíproco entre as pessoas. Sentem que a melhor forma de alcançá-lo é através da compreensão da natureza eterna da família. Os jovens precisam compreender que receberam uma grande herança não somente de seu Pai Celestial, e de seu irmão primogênito, o Salvador, mas também de seus ancestrais terrenos. Esse legado de muitos dons, inclusive o do amor, será por sua vez transmitido a outros no relacionamento da família eterna.

# A Montanha Chamada Coragem

Wayne Lynn

Certas pessoas costumam dizer que o dia dos heróis já se foi. Afirmam que a juventude de hoje já não tem a coragem que os jovens costumavam demonstrar, mas vi um exemplo dela ainda outro dia, e foi tão vívido que fez meu coração disparar e sentir um apêto na garganta. Senti um impulso de levantar-me gritando: "Hurra! Hurra!"

Não aconteceu entre as labaredas devoradoras de um edifício em chamas, nem foi um mergulho na torrente gelada de um rio desenfreado. Não foi uma arremetida arrojada em frente a um carro em velocidade excessiva para salvar uma criança cambaleante, nem uma demonstração de destemor físico contendo um touro ameaçador.

Deu-se num local um tanto comum, onde aparentemente costumam acontecer a maior parte dos atos heróicos. Aconteceu durante uma reunião do Sacerdócio da estaca, numa quente tarde de verão. A capela estava repleta, transbordante; foi preciso abrir a divisão com o salão de recreação para acomodar o grande número de membros do Sacerdócio. Um espírito todo especial parecia reinar entre nós naquele dia, quando nosso querido presidente da estaca nos presidia e dirigia a reunião.

Um rapaz, aparentemente de idade correspondente aos sacerdotes, sentava-se num lugar bastante à vista, perto do púlpito, junto à presidência da estaca. Presumi corretamente que iria participar do programa e solidarizei-me com seu nervosismo contido.

Logo o presidente anunciou o jovem como sendo o próximo orador. Este levantou-se calmamente e venceu o pequeno espaço até o púlpito. Exteriormente, mostrava-se tranqüilo, mas do meu lugar nas primeiras fileiras pude observar suas mãos trêmulas que denunciavam o temor a ser vencido.

Inspirando profundamente, começou a falar. Logo tornou-se óbvio que empregara muito tempo na preparação. Um olhar ocasional às notas era o suficiente. Comecei a esquecer um pouco minhas apreensões por êle, mas então percebi que começava a falar cada vez mais depressa. As palavras lhe vinham tão rápidas que ocasionaram repetições desnecessárias. Em meio da frase

seguinte principiou a gaguejar. Isto aumentou seu nervosismo a ponto de piorar sua gagueira, tornando-o completamente ininteligível.

Um silêncio compassivo encheu a sala. Eu ansiava por reanimá-lo ou demonstrar de alguma forma minha simpatia e compreensão, mas, como os outros, fiquei à espera. Esperava que desistisse e voltasse talvez a tentar noutra ocasião.

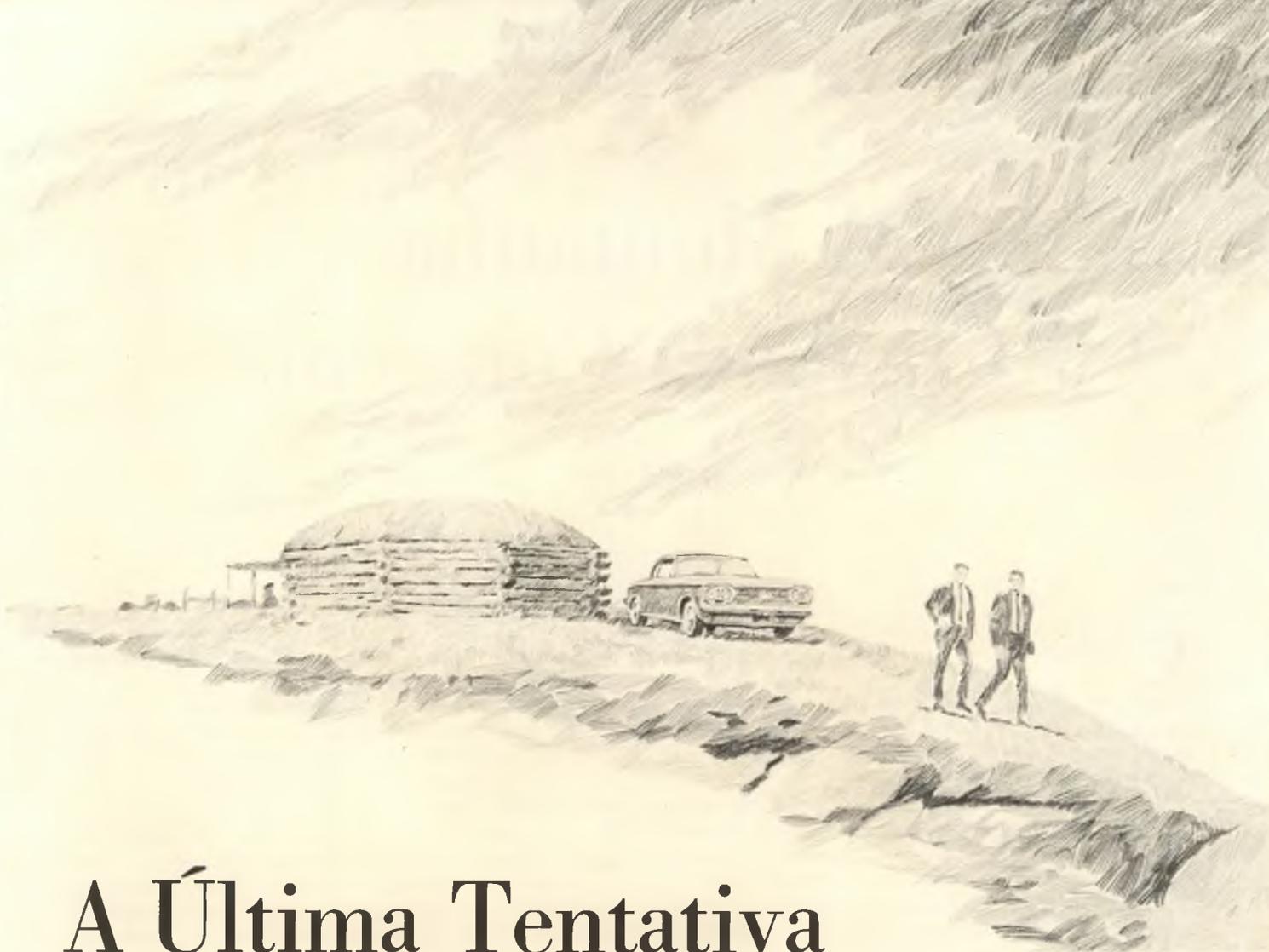
Pude ver o jovem travando uma luta interior enquanto se mantinha de pé perante nós. Então aconteceu — retezou os ombros preparando-se para cumprir sua tarefa e murmurou, pelo que me lembro, as seguintes palavras: "Irmãos, peço-vos um pouco da vossa fé e orações para que consiga falar com clareza."

Foi como se eu tivesse visto um milagre — o rapaz voltou a falar, devagar, deliberadamente, mas com segurança e convicção. Sua voz jovem soava transmitindo uma mensagem que emocionou minha alma. Não são de suas palavras que me recordo, mas a mensagem do próprio rapaz está indelêvelmente impressa em minha mente.

De certa forma, quando eu fôr chamado a realizar uma tarefa difícil, nunca mais será a mesma coisa. Talvez consiga dar uns poucos passos pela trilha aberta por êsse bravo jovem, pois êle conseguiu escalar o penhasco da coragem moral e postou-se firme sôbre seu precipício.

Não demorou a terminar seu discurso; apanhando suas anotações afastou-se do púlpito, e por um instante vi mais do que um rapaz de terno e gravata. Vi um cavaleiro com armadura reluzente, a espada ao lado e o símbolo da vitória na mão. Vieram-me à mente as palavras de um cântico, com tal fôrça que pareciam clamar para serem ouvidas: "Eis um exército real, com estandarte, espada, escudo, em marcha, avante, a conquistar, no grande campo de batalha da vida; suas fileiras formadas por soldados unidos, adazes, fortes, cantando seu canto de glória! Vitória! Vitória!..."

E de vitória será o canto, se as fileiras forem formadas de jovens como êste.



# A Última Tentativa

Charles Furden

O dia fôra longo e quente; agora o sol estava próximo do horizonte e as trevas da noite prometiam um certo alívio. Os élderes haviam passado o dia todo pregando e sentiam-se ansiosos por um banho refrescante e um bom jantar.

O carro seguia pela estrada não pavimentada, envolto numa nuvem de pó. Repentinamente parou, pouco além de uma bifurcação; em meio à nuvem de pó que se assentava ao redor dêles, os élderes olhavam a estrada secundária que levava aos montes.

"Há quanto tempo não vamos à casa de Sam?" observou um dêles.

"Há cerca de três semanas," replicou o outro.

Muitas vezes Sam havia dito que nunca conseguiria entender por que uma igreja haveria de mandar dois garotos que "ainda usavam fraldas" a percorrer a zona rural para pregar sôbre seu Deus. Sam respeitava os élderes como sêres humanos, mas costumava cochilar durante todo o tempo em que procuravam pregar. Eles haviam tentando vêzes sem conta ensinar-lhe a primeira lição, mas êle sempre arranjava uma desculpa para estar em outra parte qualquer.

Ambos os élderes olhavam para a estrada sinuosa que levava ao "hogan" (cabana de barro dos índios na-

vajos) de Sam. Sabiam que deviam visitar aquela família, mas já era tarde e estaria escuro quando lá chegassem. Talvez agora que o quente sol já se fôra, Sam estivesse de bom humor. E, quem sabe, talvez mostrasse uma atitude diferente para com êles. Afinal, já se haviam passado duas semanas. Ou será que Sam e sua família estariam ocupados em suas tarefas vespertinas, ou jantando, ou mesmo já se recolhendo para dormir? Mesmo que estivesse apenas sentado debaixo de uma árvore não fazendo coisa alguma, os élderes duvidavam sèriamente de que Sam estivesse interessado em recebê-los.

Tudo lhes era desfavorável, mas ainda assim não se sentiriam bem se deixassem de ir. Mesmo que fossem despachados, poderiam ao menos jantar com a consciência tranqüila.

Sam e sua família haviam-se mudado para a "mesa", um trecho plano no alto dos montes, para passar o verão, e a viagem até lá era longa e poeirenta. Quando os élderes lá chegaram, os últimos raios de sol iluminavam os picos das montanhas.

Sam estava tangendo suas ovelhas para o nôvo curral de verão quando os missionários pararam ao lado da sua cabana. Aproximou-se para dizer-lhes umas

poucas palavras de boas-vindas, mas as ovelhas ainda não estavam familiarizadas com o local e êle aproveitou-se da situação para excusar-se.

Os élderes notaram que as ovelhas estavam confusas quanto ao local do nôvo abrigo, e um pouco de ajuda extra não faria mal algum, por isso pularam do carro e puseram-se a trabalhar. Sam pareceu surpreso, se não desconfiado, ao ver os dois jovens trabalhando ao lado dêle e ficou a vigiá-los de perto.

Na hora em que estavam fechando o curral, a esposa de Sam e seus dois filhos chegaram à cabana, com suas montarias. Sam olhou para sua família, depois para os élderes e então disse: "Agora vamos para dentro de casa para uma oração." Isto surpreendeu os élderes, pois embora a maioria dos navajos lhes pedisse para orar, Sam nunca pareceu interessado.

Após a oração houve uns momentos de silêncio enquanto os élderes já quase esperavam ser despedidos. Então, compreendendo que nada fôra mencionado, aproveitaram a oportunidade e perguntaram se a família gostaria de ter uma lição. Sam olhou casualmente a família e não vendo objeções imediatas, consentiu. Sem hesitar, os missionários abriram suas pastas e espalharam seu material sôbre o chão de terra batida.

Durante o transcorrer da lição os élderes observavam cuidadosamente a expressão de Sam e de seus fa-

miliares. Mas êles continuavam impassíveis. Nunca pareciam desejar questionar, nem aceitar o que estava sendo exposto apenas observavam e escutavam. Nenhum dêles procurou fazer alguma pergunta ao fim da lição. Ainda que a família parecesse meditar sôbre o que ouvira, os jovens continuavam sentindo-se rejeitados.

Fizeram uma breve oração e depois os élderes foram de um em um despedindo-se e agradecendo o tempo concedido.

Ao acompanhá-los até a porta, Sam ainda parecia estar meio dormindo ou em profunda meditação. Não sorria nem dava qualquer indicação de que os élderes houvessem conseguido atingí-lo. Então, no momento em que saíam para a noite, êle os deteve. "Acho que encontrei uma coisa nos mórmons que nunca antes havia visto, e gostei do que vi. Voltem quando quiserem; vocês serão sempre bem-vindos."

Durante a viagem de volta os élderes sentiam-se como se houvessem vencido uma grande barreira. Um dêles olhou para o outro e com um tom de excitação na voz observou: "É sua a vez de cozinhar hoje à noite?"

"É", replicou o companheiro. Em seguida, prevenido a pergunta seguinte, acrescentou: "O que restou dos feijões requeitados que você me serviu ontem".



## Sôbre o Tornar-se Qualificado

**Richard L. Evans**

do Conselho dos Doze

**U**ma frase pronunciada por George Eliot insinua algo que interessa a todos nós: "O que vale uma oportunidade ao homem que não pode usá-la?" Essas palavras têm um significado especial para aqueles que vivendo um período de suas vidas que é, ou deveria ser, uma época de preparação. A vida passa depressa. As responsabilidades aumentam; as oportunidades para preparar-se diminuem, e torna-se difícil admitir que uma pessoa jovem possa ignorar as oportunidades existentes para desenvolver um talento ou destreza, de preparar-se para um ofício ou profissão, para um papel mais importante na vida. É quase impossível explicar por que alguém, a quem se oferece a oportunidade de estudar, iria abandonar a escola apenas para andar à deriva e permitir ser atingido pela frustração e pelo desapontamento no futuro. A vida é tudo o que possuímos — nossas mãos, nossa mente, nossos músculos, nosso espírito, nossa disposição de nos prepararmos, nossa vontade de trabalhar. Oh, se ao menos conseguíssemos implantar na mente e no coração dos jovens as bênçãos proporcionadas pela educação, a bênção de escolher uma meta de valor e procurar alcançá-la, a bênção de tornar-se uma pessoa qualificada, evitando os desapontamentos que surgem mais tarde na vida, quando os ciclos da vida econômica restringem a procura de mão de obra não qualificada. Vida, mente, tempo, talentos são as ferramentas, os instrumentos que devem ser afiados da melhor forma possível para que possam prestar um serviço duradouro, crescente e satisfatório. "O segredo do sucesso," afirmou Disraeli, "... é o homem estar preparado para a sua oportunidade quando esta surgir." Se houvesse meios de alcançá-las nesse momento, suplicaríamos a cada pessoa jovem que procure educar-se, preparar-se, aperfeiçoar-se da melhor forma possível; que adquira competência, qualifique-se para a vida, para o estudo, para o ganha-pão; que conheça bem alguma coisa, faça algo bem feito, tenha algo a oferecer; que evite ser uma pessoa marginalizada, seja mais útil à família, à comunidade, ao país e também sirva a si próprio e tenha a grande satisfação proveniente do sentir-se necessário, querido, apreciado, compensado. "O que vale uma oportunidade ao homem que não pode usá-la?"